



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O caso português de meados da década de 70

VERSÃO DEFINITIVA APÓS DEFESA PÚBLICA

Luís Alberto da Conceição Moreira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Empreendedorismo e Criação de Empresas
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Ricardo Gouveia Rodrigues

Covilhã, Julho de 2018

Dedicatória

Dedico este trabalho a toda a minha família, em particular:

Ao meu pai (in memoriam) que nos deixou no dia dos meus anos, 16 de dezembro de 2011.

À minha mãe, mulher de boa índole, generosa e compreensiva.

Às minhas irmãs, amigas de sempre.

Às minhas filhas, razão de ser da minha persistência e incentivadoras neste meu trajeto académico.

Por fim à minha mulher, grande amor da minha vida e confidente, pela enorme paciência que tem em me aturar.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Ricardo Gouveia Rodrigues, por acima de tudo ter aceite ser meu orientador, pelo seu total apoio e disponibilidade, pelo saber que transmitiu, pelas opiniões e críticas, total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que foram surgindo ao longo da realização desta dissertação e por todas as palavras de incentivo, incluindo a motivação para que este trabalho não termine aqui e seja apenas uma etapa rumo ao Doutoramento.

Aos Professores do Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas pela sua participação e colaboração, mas acima de tudo, pelo duto ensinamento que me proporcionaram.

Aos colegas/alunos do Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas, pelo mútuo incentivo, pela paciência, ajuda e companhia que me dispensaram sempre que necessário.

Aos nove retornados que foram entrevistados pela amabilidade e disponibilidade e por terem aceite contribuir com os seus testemunhos para este trabalho.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, todos sem exceção, em particular ao Pedro Neto e ao Mário Morais por toda a ajuda e incentivo para que o Mestrado não fosse só uma intenção.

À Fernanda, minha mulher e à Filipa e Leonor, minhas filhas, por terem permitido a minha ausência e alheamento durante estes dois últimos anos.

O último agradecimento a todas as pessoas que das mais variadas formas contribuíram para a concretização desta dissertação.

Resumo

O êxodo em massa de cerca de 700 mil pessoas das ex-colónias portuguesas em meados do século XX, constitui um capítulo ambíguo na história contemporânea de Portugal. Não há aliás memória de fenómeno idêntico à escala mundial.

Rotulados de Retornados, regressaram espoliados dos seus bens, e ao chegar a Portugal viram-se sem casa, sem emprego e sem dinheiro para fazer face às despesas básicas. Contaram ainda com a hostilidade de quem os via chegar em catadupa, e se sentia ameaçado pelo regresso daqueles irmãos, familiares e/ou conhecidos por não compreender o motivo porque não continuavam nas ex-colónias.

Contudo, em pouco mais de quatro, cinco anos, estavam totalmente integrados.

O espírito empreendedor que os caracterizava, conjugado com a visão empresarial que vivenciaram nas ex-colónias, nomeadamente de trocas comerciais com país limítrofes às ex-colónias, permitiu-lhes afirmarem-se num país pouco industrializado e pouco qualificado.

Como objetivo a presente dissertação procura assim compreender o fenómeno da integração por via do empreendedorismo (dando corpo às motivações, ajudas, dificuldades encontradas) e perceber o contributo que os Retornados deram ao país, numa altura de profundas alterações económicas e sociais.

A metodologia seguida consistiu na análise de dados qualitativos com base na realização de entrevistas semiestruturadas com gravação áudio previamente autorizadas com recurso a um guião de entrevista e que foram depois passadas a escrito. Através do software webQDA os dados foram depois tratados.

Alguns dos resultados confirmam, por exemplo, a literatura quanto ao motivo que levou os entrevistados para as ex-colónia, ou relativamente às dificuldades encontradas quando regressaram, confirmam ainda a interajuda e comprometimento entre os retornados evidenciada na literatura, mostra ainda que cinco dos nove entrevistados criaram cinco ou mais negócios, sobressai ainda a capacidade de iniciativa e a larga experiência como gerentes e gestores dos seus negócios, ou ainda, para terminar os exemplos, a conjugação de interesses entre o que o país precisava e o know-how dos retornados.

Deste estudo emergem ainda algumas orientações interessantes que podem e devem ser consideradas para a atual crise de migrantes que a Europa atravessa.

O estudo debateu-se com algumas limitações como a sua reduzida amostra constituindo por isso um estudo exploratório. Por outro lado, o tema está pouco estudado, também por constituir um caso ímpar a nível mundial e por não conter entrevistados de todas as ex-colónias ultramarinas.

Como investigação futura realça-se à partida o limite temporal de vida daqueles que podem testemunhar na primeira pessoa tudo o que têm para contar pelo que deve ser incentivado o seu estudo enquanto o mesmo ainda for possível. Depois a necessidade de aumentar a amostra e estendê-la a outras zonas do país bem como aos retornados de todas as ex-colónias, ou ainda alargá-lo aos filhos dos retornados, apenas para citar algumas futuras linhas de investigação.

Palavras-chave

Empreendedorismo Migrante, Retornados, Negócio, Integração, Análise Qualitativa

Abstract

The mass exodus of about 700.000 people from the former Portuguese colonies in the mid-twentieth century, constitutes an ambiguous chapter in the contemporary history of Portugal. There is no memory of the same phenomenon on a world scale.

Labelled as "Retornados", they returned without their belongings, and when they arrived in Portugal they saw themselves without a home, without a job and without money to have a basic life. They also had to face the hostility of those who saw them arrive and felt threatened by the return of those brothers, relatives and / or acquaintances for not understanding why they did not continue in the former colonies.

However, in more than four, five years, they were fully integrated.

The entrepreneurial spirit that characterized them, coupled with the entrepreneurial vision they experienced in the former colonies, especially trade with neighboring countries, allowed them to assert themselves in a backward, scarcely industrialized and low-skilled country.

The present dissertation aims to understand the phenomenon of integration through entrepreneurship (giving substance to the motivations, helps, difficulties encountered) and to perceive the contribution that the Returned gave to the country, at a time of profound economic and social changes.

The methodology followed consisted in the analysis of qualitative data based on the accomplishment of semi-structured interviews with audio recordings previously authorized with recourse to an interview script and that were then written. Through the webQDA software the data were then processed.

Some of the results confirm, for example, the literature on the reason that the interviewees took to the ex-colony, or on the difficulties encountered when they returned, also confirm the mutual help and commitment among returnees evidenced in the literature, also shows that five of the nine interviewees have created five or more businesses, there is also the capacity for initiative and wide experience as administrators and managers of their businesses, or, to finish the examples, the combination of interests between what the country needed and the know-how of returnees.

From this study some interesting guidelines emerge that can and should be considered for the current crisis of migrants that Europe is undergoing.

The study was confronted with some limitations such as its small sample, which is an exploratory study. On the other hand, the subject is little studied, also for being an odd case worldwide and for not containing interviewees of all the former overseas colonies.

As a future investigation, the temporal limit of life of those who can witness in the first person all that they have to tell must be encouraged at the outset, so that their study should be encouraged while it is still possible. Then the need to increase the sample and extend it to other parts of the country as well as to the returnees of all the former colonies, or to extend it to the children of the returnees, just to mention some future lines of investigation.

Key Words

Migrant Entrepreneurship, Returned, Business, Integration, Qualitative Analysis

Índice

1. Introdução	1
1.1. Enquadramento do Problema	1
1.2. Comparações com Fenómenos Idênticos	2
1.3. Justificação do Tema	3
1.4. Objetivo	3
2. Revisão de Literatura	5
2.1. Os Movimentos Migratórios	5
2.2. O Fenómeno Migratório Português: da Fase Embrionária Até à Emigração Para as Colónias Africanas	7
2.3. O Regresso dos Emigrantes das Colónias Africanas - “Os Retornados”	10
2.4. O Empreendedorismo	11
2.5. O Empreendedorismo Imigrante/Emigrante	16
2.6. O Empreendedorismo dos “Retornados” Portugueses	19
3. Método	23
3.1. Recolha e Análise de Dados	24
3.2. Entrevistas Áudio - Data da Recolha	27
3.3. Entrevistas Áudio - Locais da Recolha	28
3.4. Entrevistas Áudio - Duração das Entrevistas	28
4. Apresentação e Discussão de Resultados	29
4.1. O Motivo da Ida para o Ultramar	29
4.2. Em que Zona do País se Radicou Após o Regresso a Portugal	30
4.3. Dificuldades Encontradas no Regresso a Portugal	33
4.4. Que Ajudas/Apoios Teve Quando Regressou	34
4.5. O Apoio do IARN e a Sua Influência	35
4.6. Principal Razão Para a Criação do Negócio	37
4.7. Número de Negócios Criados Após o Regresso a Portugal	38
4.8. Atividade dos Negócios Criados Após o Regresso a Portugal	40
4.9. Importância e Grandeza do(s) Negócio(s)	42
4.10. Principal Contributo/Influência da Experiência Ultramarina no(s) Negócios Criado(s) em Portugal Após o Regresso	43
4.11. Interaajuda e Comprometimento Entre os Retornados	46
4.12. Avaliação do Negócio	48
4.13. Nível Habilitações Académicas	49
5. Conclusões, Limitações à Investigação e Investigação Futura	53
5.1. Conclusões	53

5.2. Limitações à Investigação	56
5.3. Investigação Futura	56
Referências	61
Artigos Consultados na Internet/Páginas Web	64
Anexo A - Figuras	67
Anexo B - Guião das Entrevistas	71

Lista de Figuras

Figura n.º 1 - Caos no Aeroporto de Luanda com a Ponte Aérea	1
Figura n.º 2 - Foto de Embarque na Ponte Aérea entre Luanda e Lisboa	68
Figura n.º 3 - Embarque no Porto de Luanda	68
Figura n.º 4 - Anúncio de Procura de Emprego na Imprensa	69
Figura n.º 5 - Publicitação de Angariação de Clientes no Diário Popular	69

Lista de Tabelas

Tabela n.º 1 - Alguns dados demográficos dos entrevistados retornados de Angola	23
Tabela n.º 2 - Alguns dados demográficos dos entrevistados retornados de Moçambique	24
Tabela n.º 3 - Formulação das perguntas de investigação	25
Tabela n.º 4 - Local de recolha, dia e duração das entrevistas	28
Tabela n.º 5 - Motivo da ida para a ex-colónia	29
Tabela n.º 6 - Local para onde ocorreu o regresso	30
Tabela n.º 7 - Desalojados de África por Distritos	32
Tabela n.º 8 - Qual a principal dificuldade encontrada no regresso a Portugal?	33
Tabela n.º 9 - Que tipo de ajuda/apoio teve quando regressou das ex-colónias?	35
Tabela n.º 10 - Recebeu em algum momento apoio do IARN?	36
Tabela n.º 11 - O apoio recebido do IARN teve influência na decisão de criação do negócio?	36
Tabela n.º 12 - Qual o principal motivo para a criação de um negócio após o seu regresso das ex-colónias?	37
Tabela n.º 13 - Qual o número de negócios criados após o seu regresso a Portugal?	39
Tabela n.º 14 - Qual a atividade dos negócios criados após o seu regresso a Portugal?	41
Tabela n.º 15 - Os seus negócios têm ou tiveram relações comerciais internacionais?	42
Tabela n.º 16 - Nos diversos negócios criados após o seu regresso a Portugal quantos trabalhadores chegou a ter ao seu serviço em simultâneo?	43
Tabela n.º 17 - Qual a principal influência da experiência ultramarina no negócio criado após o regresso das ex-colónias?	44
Tabela n.º 18 - O seu negócio tem ou teve relações comerciais com outros retornados?	48
Tabela n.º 19 - Que avaliação faz hoje do seu negócio?	49
Tabela n.º 20 - Quais as suas habilitações académicas?	50

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
RTP	Rádio Televisão Portuguesa
TAP	Transportes Aéreos de Portugal
TVI	Televisão Independente
IFDEP	Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal
GADU	Grupo de Apoio aos Desalojados do Ultramar
IARN	Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais
E.U.A.	Estados Unidos da América
F.A.O.	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
CIFRE	Comissão Interministerial de Financiamento de Retornados
RR	Rádio Renascença

1. Introdução

1.1. Enquadramento do Problema

Em 1974 e 1975 o Mundo assistiu a um dos êxodos mais trágicos do Ocidente, com o regresso dos portugueses residentes em África (Dacosta, 2013).

E numa reportagem produzida pela RTP, Vicente (2015) intitulada “Ponte aérea da TAP trouxe centenas de milhares de retornados de África”, pode ouvir-se o repórter dizer que em 900 voos, quase 300.000 pessoas foram transportadas em pouco mais de 2 meses e meio, referindo ainda o texto de apoio ao vídeo que se tratou de uma operação de larga escala que ficou conhecida como “A Ponte Aérea” entre Luanda e Lisboa. É exemplo disso as Figura n.º 1 abaixo e n.º 2 (pág. 68).



Figura n.º 1 - Diz respeito ao aeroporto de Luanda onde milhares de pessoas aguardavam em condições deploráveis uma vaga nos aviões Jumbo da TAP. Cunha, A. (Fotógrafo). (Expresso, julho, 26, 2009). Foi retirada do site <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2011/04/ponte-aerea-de-1975.html>.

Para além de Angola, retornavam também de Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo-Verde. E o regresso não se fazia apenas pelo ar. Como se pode ouvir na Grande Reportagem da TVI intitulada “*O lugar onde eu fiquei*”, muitos outros fizeram-se de traineira ao mar ou desafiaram, de carro, o calor e o pó do deserto (Canelas, 2016, Novembro).

Na Figura n.º 3 (pág. 68), podemos ver uma dessas situações do êxodo.

Ainda num artigo intitulado - Retornados Uma História de Sucesso por Contar - publicado na Revista 2 do Jornal Público, pode ler-se que ficaram conhecidos como “os retornados” aqueles que chegaram num movimento que durou poucos meses, em barcos e aviões (Almeida, 2014, abril, 20)

1.2. Comparações com Fenómenos Idênticos

No seguimento do que explicava no parágrafo anterior, Almeida (2014, abril, 20), concretiza que esse movimento de integração populacional foi único e trouxe uma massa humana qualificada que contribuiu de forma decisiva para a construção do Estado democrático.

Almeida (2014, abril, 20) cita ainda o sociólogo Pena Pires que definiu o fenómeno como sendo a maior deslocação de populações na Europa do século XX, superando mesmo o pós-II Guerra Mundial, em que o repatriamento fora de 2% a 3%.

E, continua Almeida (2014, abril, 20) a lembrar Pena Pires que explicou que o Reino Unido que tinha um Império maior, teve também 500 mil repatriados, cuja maior parte foi para os Estados Unidos, enquanto em Portugal, dos poucos que foram para o Brasil, a maior parte fê-lo com carácter provisório, para depois virem para Portugal.

Pena Pires faz ainda a comparação com “o caso mais parecido”, que é, nos anos 60 do século XX, o da integração dos *pieds-noirs*, os colonos franceses que regressaram a França após a descolonização da Argélia e outras colónias francófonas, sob o Governo de De Gaulle, em que Pena Pires salienta que existem diferenças fulcrais: “*A sociedade francesa estava estabilizada, por isso, surgem sindicatos e o movimento pied-noir*”. De acordo com Pena Pires, os *pieds-noirs* eram em si um movimento de segregação que se prolongou e dificultou a assimilação que em Portugal houve cuidado para não repetir erros (Almeida, 2014, abril, 20).

Já Dacosta (2013, setembro, 12; 2015, fevereiro, 25)) por altura da republicação da sua obra - *Os Retornados Estão a Mudar Portugal* - numa entrevista ao dramaturgo e jornalista Duarte Branquinho no Jornal - O Diabo, referiu que “*(...) pelas estradas, havia muitos cafés novos com comida e música africanas e achei interessante*”. E continuou referindo que os portugueses em África e no Brasil, habituaram-se a desbravar as coisas, a construir impérios.

E acrescentou, *“Tinham o empreendedorismo, como agora se diz, estava-lhes na massa do sangue”*.

1.3. Justificação do Tema

O tema da minha dissertação de Mestrado tem a ver com o empreendedorismo num conceito de migrações, mais concretamente com o empreendedorismo dos migrantes portugueses de meados da década de 70.

O tema tem relevância para o empreendedorismo e criação de empresas pois é um facto reconhecido por muitos de que o empreendedorismo migratório, em concreto o caso português de meados da década de 70 não tem paralelismo com nenhum outro no Mundo.

Quando muito, reconhecem-se algumas similitudes com as migrações do início do séc. XX nos Estados Unidos, com o regresso dos colonos franceses a França após a descolonização da Argélia e outras colónias francófonas, sob o Governo de De Gaulle e pouco mais (Almeida, 2014, abril, 20) citando pena Pires.

É um tema que ainda não está explorado, sendo verdade que os testemunhos daqueles que à época empreenderam e criaram as suas empresas iniciando as suas vidas do zero, começam, fruto da idade avançada, a desaparecer.

É por isso imperioso que enquanto for possível, se estudem as motivações, que tipos de ajuda tiveram, que dificuldades encontraram, como eram e são agora vistos pela família, amigos e pela sociedade.

1.4. Objetivo

O objetivo desta dissertação, é o de compreender o fenómeno do empreendedorismo dos migrantes portugueses - retornados - de meados da década de 70.

2. Revisão de Literatura

2.1. Os Movimentos Migratórios

Falar de migrações, é falar de um fenómeno extensivo aos campos da sociologia, da economia, da história ou da geografia, fenómeno esse que abrange globalmente civilizações e sociedades e que deve ser entendido como fonte de progresso e controvérsia (Nunes, 2012).

Os movimentos migratórios incluem a emigração (fluxos de dentro para fora) e imigração (de fora para dentro), normalmente tratados e estudados nessas duas vertentes por, na sua génese estarem muitas vezes, questões diferentes. Bénesová (2014) estudou estes fluxos evidenciando as causas que lhe estiveram na origem. Usando em determinados momentos dados estatísticos, localizou no tempo os maiores fluxos e apresentou o contexto em que ocorreram.

No caso português e na parte que nos interessa, segundo Sampaio (2014) foi o próprio país, entenda-se Estado, que incentivou a emigração para as ex-colónias, Angola e Moçambique. A visão das colónias com especial orgulho nacional, levou a que o seu desenvolvimento se tornasse o centro de políticas de emigração (Sampaio, 2014).

Assim, o Estado encorajou a emigração dos cidadãos com o objetivo de desenvolvimento económico das colónias e ao mesmo tempo diminuição da pobreza existente em Portugal (Sampaio, 2014).

Ainda segundo Bénesová (2014), a emigração para as ex-colónias, ocorreu após 1951, tendo Portugal ido buscar inspiração para a adoção de incentivos à emigração a outros países colonizadores. No entanto após 1974, com a Revolução e iniciado o processo de descolonização, iniciou-se um processo inverso.

A chamada descolonização que ocorreu entre 1975 e 1980, fez com que a taxa de crescimento de população estrangeira crescesse à taxa anual média de 12,7% (Marques, 2001).

Com aquele processo, iniciou-se o regresso dos emigrantes que no passado tinham, de certa forma, sido enviados para Angola, Moçambique e Guiné Bissau, estimando-se que tenham regressado entre 500 000 a 800 000 (Oliveira, 2008).

O regresso daqueles emigrantes, conhecidos como “*retornados*”, trouxe novos desafios ao país que ao longo do nosso trabalho procuraremos escarpelizar.

Por outro lado, e isto é relevante, o regresso urgente e forçado, devido como disse, ao processo de descolonização, trouxe também outro tipo de imigrantes, ou seja, aqueles que por razões de descontrolo político e insegurança vivida, apesar de terem nacionalidade africana, acompanharam os emigrantes portugueses no regresso (Janus, 2001; Bénesová, 2014).

No caso destes últimos, desconhece-se em pormenor e com exatidão a nacionalidade de todos, muitos imigraram para Portugal, devido a alguma afinidade política ou de simpatia, naquele período (Janus, 2001).

Ou seja, a emigração e imigração estão intimamente ligadas a processos políticos, económicos e sociais que o país atravessa em determinado momento, bem como, no que respeita ao tema que nos interessa, ou seja, imigrantes conhecidos como “*retornados*” e o seu percurso após o regresso, nomeadamente quanto à experiência específica que vivenciaram num momento concreto da história recente do País.

Os movimentos migratórios sempre existiram. Por diversas razões, este fenómeno continua atual e o seu estudo poderá ser relacionado com contextos históricos, políticos, económicos entre outros. Efetivamente foi o avanço tecnológico, o desenvolvimento dos transportes e das vias de comunicação, os principais responsáveis pelo seu incremento (Gonçalves, 2011).

Ainda segundo Gonçalves (2011) o desenvolvimento da economia global, afetou não só o mercado dos produtos, mas também o mercado de trabalho. Assim, a partir do final do século XVIII e durante o século XIX as regiões exportadoras de alimentos e matérias-primas, carecendo de mão-de-obra solucionaram este problema através do trabalho escravo, ou através da emigração. Os Estados Unidos são exemplo disso.

É principalmente a partir de 1870 que o movimento transoceânico ganha força, inicialmente com emigrantes originários da Grã-Bretanha e posteriormente, escandinavos, alemães e suíços juntam-se aos britânicos (Gonçalves, 2011). Mas não são somente os Estados Unidos o único país interessado nesta mão-de-obra.

Também a Argentina, o Brasil ou o Uruguai entraram neste circuito de fluxos migratórios originários do continente europeu, oferecendo novas oportunidades aos emigrantes. Por outro lado, também a origem dos emigrantes sofreu alterações, sendo agora constituídos por portugueses, espanhóis e italianos, que procuravam melhores condições de vida (Gonçalves, 2011).

A emigração tem diferentes especificidades, consoante o país de origem. No caso concreto interessa analisar o caso português.

2.2. O Fenómeno Migratório Português: da Fase Embrionária Até à Emigração Para as Colónias Africanas

No caso português, o fenómeno migratório existe desde a fundação do País. É, no entanto, na segunda metade do século XIX que este movimento sofre um forte desenvolvimento, com o aumento do fluxo migratório em direção ao Brasil, país que acolhe a maioria dos emigrantes portugueses, e em muito menor escala os Estados Unidos e a Argentina (Gonçalves, 2011).

Efetivamente até à década de 1870 a contenção da emigração era defendida por influentes grupos agrários que temiam a redução de mão-de-obra disponível e consequentemente o aumento dos salários no campo (Pereira, 2002; Alves, 2001). Gonçalves (2011: 340-341) refere a este propósito: *“Se a liberdade de emigrar estava consagrada na Constituição de 1838, as leis complementares, de carácter policial, procuravam restringir a expatriação”*.

A partir de 1870, o aumento da emigração, colocou a Constituição de 1838 na ordem do dia, dando origem ao inquérito parlamentar de 1873, com o objetivo de estabelecer políticas de ação. Em consequência deste inquérito parlamentar surgiu aquela que ficou denominada como Lei de 28 de março de 1877, que procurava desviar o fluxo migratório português, do Brasil para as colónias portuguesas em África. Outras medidas alternativas procuravam incentivar a emigração para o continente africano, como por exemplo a emissão do passaporte gratuito para este continente, mas tais medidas revelaram-se um fracasso e a emigração para o Brasil continuou a crescer. Ao mesmo tempo, a criação da polícia de emigração, o serviço militar obrigatório e a exigência de passaporte, ao tentarem limitar o fluxo migratório, fizeram com que o fluxo clandestino aumentasse. É nesta altura que diversos agentes clandestinos, assim como companhias de navegação surgiram, incentivados pela ânsia do lucro (Gonçalves, 2011).

Ao mesmo tempo que havia grupos que tentavam conter a emigração, outros defendiam-na, nomeadamente aqueles que reconheciam a importância das remessas dos emigrantes para o equilíbrio financeiro de Portugal. Concomitantemente, essas remessas permitiam a melhoria das condições de vida da população, principalmente nos meios rurais (Gonçalves, 2011). *“A grave crise financeira de 1891, em Portugal, foi, em grande parte, reflexo da forte contração no valor das remessas que sofreram duro golpe com o problema cambial brasileiro nos últimos anos da década de 1880”* (Lains, 2002: 59).

Pereira (2002: 86) indica serem três as preocupações que orientaram a política migratória a partir da década de 1870 até 1930, nomeadamente, manter o fluxo de divisas proveniente do Brasil, conseguir, simultaneamente, deslocar parte dos emigrantes para suas colónias na África e por último, conciliar esses dois objetivos com as necessidades de mão de obra dos grandes proprietários de terras e do setor industrial. *“Uma complicada equação com três variáveis e sem denominador comum”*.

Relativamente às colónias africanas, havia em Portugal a percepção de que a riqueza do país dependia da configuração de um império em África e conseqüentemente, teria que haver uma viragem no fluxo migratório em direção a este continente. No entanto, e tal como já foi referido anteriormente, o movimento migratório para as colónias africanas ficou sempre aquém das expectativas do governo português pelo menos até aos princípios do século XX. De facto, e de acordo com Gonçalves (2011), a política colonial portuguesa parecia não ter lugar para a emigração. As reduzidas oportunidades económicas oferecidas, a precariedade das linhas de comunicação e a ausência de políticas de fixação de colonos justificavam o desinteresse dos portugueses por este destino.

A viragem desta realidade, ocorre já na década de 40 do século XX, tendo Portugal ido buscar inspiração para a adoção de incentivos à emigração a outros países colonizadores. Machado (2011: 35) refere a este propósito: que é sobretudo a partir de finais da década de 1940 que as colónias portuguesas - nomeadamente Angola e Moçambique - despertaram em termos económicos, com claros efeitos ao nível das oportunidades para aqueles que optam pela via da emigração colonial, constituindo-se assim a ideia de um “*Eldorado*” africano, uma extensão de Portugal além-mar que convida à saída da então metrópole.

Como referido, o Estado incentivou a emigração para o continente africano. A visão das colónias com especial orgulho nacional, levou a que o seu desenvolvimento se tornasse o centro de políticas de emigração. Os Planos de Fomento desenvolvidos pelo regime Salazarista dentro das políticas coloniais incluíam não só um intenso investimento público e privado nas colónias africanas, principalmente em Moçambique e Angola, mas também a atribuição de subsídios àqueles que se demonstravam disponíveis para um estabelecimento permanente no continente africano (Machado, 2011). Assim, o Estado encorajou a emigração dos cidadãos com o objetivo de desenvolver economicamente as colónias, e ao mesmo tempo diminuir a pobreza existente em Portugal. O continente africano representava também um espaço (real e imaginário) de maior liberdade (Castelo, 2007).

Oliveira (2008) traça-nos um retrato inicial da “*forma*” de emigração dos portugueses para as colónias africanas. Numa primeira fase, foi o incentivo por parte do Estado que prevaleceu, mas rapidamente se passou a uma abertura muito maior, com os familiares e conhecidos que aí se encontravam a “*mandar ir*” outros familiares e amigos. Oliveira (2008) salienta também que as facilidades que beneficiavam os funcionários públicos, foram outro dos motivos do sucesso desta emigração.

De facto, quer o Estado, quer os emigrantes tinham interesses nesta emigração. Por um lado, o Estado necessitava destes emigrantes pois eram indispensáveis à manutenção da soberania. Por outro, os emigrantes procuravam ser bem-sucedidos economicamente, para além de que, a estes o Estado ajudava com incentivos (Oliveira, 2008).

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Segundo Flores (2016), citando o sociólogo Rui Pena Pires que vivenciou esta situação uma vez que o seu pai era funcionário público, esses incentivos eram os mais variados, como “viagens pagas” em que havia a possibilidade de se poderem acumular as férias de vários anos e de 5 em 5 anos poderem vir a Portugal (à Metrópole, como então se dizia) por um período de 3 a 4 meses, com a ajuda do Estado. Eu próprio, filho de um funcionário administrativo do Estado, em Angola, cheguei a vir de férias à Metrópole, com os meus pais, nestas condições).

Também usufruíam de direito a habitação permanente gratuita nas colónias (Administradores, Secretários, Administrativos, Médicos, Enfermeiros, etc., residiam em casas do Estado, normalmente de traça igual, muitas vezes construídas em linha, umas a seguir às outras). Eu próprio vivi/residi em Angola com os meus pais nesta situação.

Outro grupo, que acabou também por se tornar emigrante nas colónias foram os ex-combatentes, que findas as suas obrigações militares acabaram por ficar (Oliveira, 2008).

No que respeita ao emprego, esta emigração tinha sem dúvida algumas especificidades que fizeram dela um caso de sucesso. Grande parte destes emigrantes beneficiava de um acolhimento por parte de quem já lá estava, apadrinhando a sua inserção socioeconómica (Oliveira, 2008). De facto, havia a ideia generalizada de que os recursos existentes eram tão elevados que a sua integração era total, ou seja, não conflituante com quem já lá estava.

Outro aspeto relevante nesta emigração, segundo Oliveira (2008) eram as tarefas a desempenhar por estes emigrantes, ou seja, tarefas acessíveis apenas a estes e não à generalidade das populações autóctones.

Essas tarefas ou funções eram de extrema importância porque na prática tinham dois papéis fundamentais, se por um lado, eram essenciais porque se encontravam ligadas à prestação de serviços à comunidade, por outro, estes emigrantes serviam de *mediadores* entre as populações autóctones e as populações que viviam nas grandes cidades; entre as populações nativas e o aparelho político, burocrático e económico da administração colonial. E é talvez aqui que descobrimos uma boa parte do cerne que será o desenvolvimento desta investigação, pois neste contexto podemos encontrar uma primeira raiz do empreendedorismo destes emigrantes. Quer isto dizer, que estes emigrantes ao perceberem quais as necessidades que aquelas economias sentiam, rapidamente as entenderam como oportunidades de criação do próprio emprego, ou da própria empresa, tendo até sido usado o termo “estabelecer-se”. Aliás, a investigação de Oliveira (2008), tendo sido um fruto da recolha de experiências concretas, acolhe como frase que espelha aquela questão, a seguinte: “*Para se ganhar dinheiro, em Angola, era por conta própria!*” (Oliveira, 2008: 6).

Estes emigrantes viviam, pois, uma vida economicamente desafogada, com condições culturais e sociais muito superiores às existentes na metrópole. Mas, o descontrolo político e a insegurança vivida em Moçambique, Angola e Guiné, aliada à Revolução de 1974, teve como

consequência o êxodo forçado e urgente da maioria destes emigrantes, que de um dia para o outro viram os seus sonhos “caídos por terra”.

2.3.O Regresso dos Emigrantes das Colónias Africanas - “Os Retornados”

Após 1974, com a Revolução e iniciado o processo de descolonização, iniciou-se o regresso dos emigrantes que no passado tinham, de certa forma, sido enviados para Angola, Moçambique e Guiné Bissau, estimando-se que tenham regressado entre 500 000 a 800 000 (Oliveira, 2008). A chamada descolonização que ocorreu entre 1975 e 1980, fez com que a taxa de crescimento de população estrangeira em Portugal crescesse à taxa anual média de 12,7% (Marques e Baganha, 2001). Machado (2011) refere também que o número oficial de portugueses que regressam de África para a ex-metrópole, é desconhecido, mas situa-se entre quinhentos mil e um milhão.

O regresso destes ex-colonos, fez com que na década de 70 surgisse uma nova expressão no discurso dos portugueses: “*retornado*”. De acordo com Pires (2003: 227) “*retornado*” era aquele que retornava das ex-colónias portuguesas no continente africano, sendo que o termo continha de forma clara uma adjetivação racial pois referia-se à população branca de África. Lubkermann (2003: 75) acrescenta ainda que aquele termo inundou os jornais populares e os debates políticos, criou controvérsia, dividiu e mobilizou opiniões durante os primeiros dois ou três anos pós-revolucionários. Machado (2011) refere que estes “*retornados*” eram muitas vezes vistos como “*estranhos*” pelos residentes na metrópole. De facto, estes “*retornados*” estavam habituados a uma cultura de convivência e de abundância muito distante da realidade da metrópole e é a essa nova realidade a que tiveram que se adaptar.

O regresso destes emigrantes, conhecidos então como “*retornados*”, trouxe, pois, novos desafios ao país. Por outro lado, o regresso urgente e forçado devido ao processo de descolonização, trouxe também outro tipo de imigrantes, ou seja, aqueles que por razões de descontrolo político e insegurança vivida, apesar de terem nacionalidade africana, acompanharam os emigrantes portugueses no regresso. No caso destes últimos, desconhece-se em pormenor e com exatidão a nacionalidade de todos. De facto, muitos imigraram para Portugal, devido a alguma afinidade política ou de simpatia, naquele período (Bénesová, 2014).

Oliveira (2008) destaca as diferentes condições de integração dos “*retornados*”, ou seja, os que eram funcionários públicos e os que não eram. Os primeiros tiveram a sua vida mais facilitada pois após o regresso forçado foram integrados nos quadros do Estado. Relativamente aos segundos, verifica-se que a sua inserção está associada ao seu *know how* fruto das suas experiências profissionais nas ex-colónias.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

Associado a este *know how*, Carrington e Lima (1996) salienta o papel modificador ao nível laboral por parte dos “*retornados*”, destacando a importância das suas aptidões profissionais no processo de integração. Estas competências profissionais adquiridas pelos portugueses em território africano são também abordadas por Trindade (1995). Machado (2011) destaca ainda o acesso mais facilitado à educação das mulheres nas ex-colónias. Contrariamente à situação na metrópole, sobretudo no meio rural, muitas jovens puderam prosseguir os seus estudos, o que lhes permitiu a aquisição de outros conhecimentos que muito dificilmente teriam adquirido se não tivessem rumado além-mar.

A chegada dos “*retornados*” coincidiu também com um conjunto simultâneo de acontecimentos, pelo menos, nas regiões mais desfavorecidas de Portugal. De facto, por um lado estes “*retornados*” que estavam a chegar possuíam um *know how* superior ao existente em Portugal e por outro, o fluxo migratório interno e internacional nomeadamente de pessoas em idade ativa era bastante elevado, depauperando demograficamente algumas regiões.

São todos estes fatores referidos nos parágrafos anteriores, que vão estar na base do empreendedorismo dos ex-colonos em Portugal. Os próximos pontos tratarão desta questão, não sem antes se abordar o conceito de empreendedorismo, assim como analisar o empreendedorismo dos emigrantes/imigrantes.

2.4. O Empreendedorismo

Atualmente o empreendedorismo tornou-se a palavra de ordem, políticos e decisores consideram o empreendedorismo como uma solução para os diferentes problemas sociais.

Por outro lado, em termos académicos o empreendedorismo cresceu significativamente sendo considerado atualmente como um próspero campo de pesquisa e ensinado nas universidades de todo o mundo, fala-se mesmo em “universidades empreendedoras”.

Assim, Landstrom e Gouya (2018), elaboraram um estudo para perceber a evolução e sucesso do empreendedorismo enquanto campo de pesquisa académico.

Referem que o empreendedorismo apesar de ser influenciado por estudos de pesquisa feitos academicamente com a atração de outros para essa pesquisa, ele também é moldado por aqueles que leem e citam a literatura neste campo, participam em conferências e criam redes sociais.

Contudo pouco se conhece sobre a estrutura social do empreendedorismo como campo académico.

Apontam como razão para o desconhecimento daquele aspeto social, o facto do empreendedorismo não ter surgido fundamentalmente como um campo académico, mas sim com um surgimento de relevância prática e política para a sociedade.

Logo, entendem os autores que o empreendedorismo atraiu muitos estudiosos de muitas disciplinas diferentes, tornando-se um campo altamente multidisciplinar e fragmentado o que dificulta a identificação de um grupo bem definido de académicos interessados no empreendedorismo.

Identificaram outros estudos para perceber a estrutura social dos campos académicos como Faberg e Verspagen (2009), ou mesmo Braunerhjelm et al (2003) e perceber a ligação entre empreendedorismo e inovação.

Assumindo que os estudos sobre empreendedorismo e inovação estão socialmente interligados, partiram para a comparação entre a estrutura social do empreendedorismo e inovação.

Os objetivos do seu estudo são explicar como o empreendedorismo académico se tornou integrado, podendo mesmo vir a constituir uma “disciplina” e comparar o campo académico do empreendedorismo com a inovação.

O trabalho encontra-se estruturado por secções que consistem basicamente por uma revisão histórica da evolução do empreendedorismo como campo científico; revisão de literatura e definição de propósitos a discutir nas secções seguintes; levantamento, metodologia e estudo da comunidade de estudiosos sobre empreendedorismo; comparação de pesquisas académicas e comunidade de inovação e conclusões.

Resumidamente, conclui-se do estudo que, no campo escolar o empreendedorismo pode ser considerado como um sistema de comunicação partilhada e interação social onde as fontes de inspiração teórica são menos importantes.

Argumentam ser difícil concluir que o empreendedorismo se desenvolveu e se tornou uma “disciplina”.

No entanto identificaram duas comunidades sociais de estudiosos amplas: uma comunidade de empreendedorismo eclética, que tem uma diversidade de abordagens, estruturas teóricas e diferentes definições do que é o empreendedorismo e uma outra comunidade relacionada com as publicações sobre a matéria, economia empresarial e caracterizada em colocar a ênfase em acordar a definição de conceitos centrais, pesquisa, bem como centrar-se em questões teóricas e metodológicas.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

Das semelhanças e diferenças entre as estruturas académicas do empreendedorismo e inovação, o estudo conclui terem características diferentes, enquanto que primeiro se define como uma comunidade de vertente social, o segundo como uma vertente intelectual.

Como conclusão final parece retirar-se do estudo que a relação entre empreendedorismo e inovação não é bicuda, porquanto denota-se pouca interação entre os dois campos de conhecimento.

Por outro lado, para uma aproximação entre os dois campos, parece ser um enquadramento de pesquisa comum e a procura de um quadro teórico.

No que respeita aos desafios futuros decorre do estudo que parece haver necessidade de encontrar outras formas de medir o impacto académico, sem ser apenas por recorrência a indicadores unidimensionais e ainda entender a evolução dos dois campos em análise o de vertente social e o de vertente intelectual.

Por outro lado, Kuratko e Morris (2018), referem que o empreendedorismo alcançou, nos últimos quarenta anos, a legitimidade académica.

Ao mesmo tempo mais importante do que o que próprio tema representa, foi além das escolas de negócios para alcançar extrema relevância e impacto em múltiplas áreas.

Estes autores, em trabalhos anteriores referem que uma onda de desenvolvimento económico “varreu” o mundo tendo o empreendedorismo e a inovação como catalisadores. Como mentalidade, o empreendedorismo assumiu uma posição global devido à sua capacidade de transformação potencial.

Ora, estes autores referem que o que se enfrenta atualmente é uma continua redefinição do empreendedorismo e essa redefinição é feita de diversas formas e por diferentes públicos, sendo precisamente a forma como é feita esta redefinição e por quem, que constitui o desafio que esta “disciplina” enfrenta e que irá moldar a trajetória futura.

Retrospectivamente pode dizer-se que tudo começou do nada.

O estudo do empreendedorismo, nos últimos quarenta anos, evolui de uma simples aplicação comercial para uma área académica de estudo respeitada.

Se no início dos anos 80 apenas algumas escolas tinham nos seus currículos esta matéria, nos anos 90 iniciou-se uma descolagem no ensino devido a uma conceptualização desta matéria

para empreendimentos maiores baseados também no crescimento de novas tecnologias e ideias de negócios inovadoras.

Kuratko e Morris (2018), identificaram também dez dos principais temas que caracterizam pesquisas recentes sobre empreendedores e criação de novos empreendimentos e que estão cada vez mais refletidos no ensino.

Assim, dado que o impressionante desenvolvimento do empreendedorismo se deve a diferentes atores, que resulta de um quadro teórico cada vez mais forte, percepções empíricas complexas e rico em conteúdo e que está a influenciar toda uma geração de alunos, torna-se necessário perceber que desafios enfrenta.

Estes autores concluem que com o contínuo desenvolvimento do empreendedorismo enquanto disciplina, de tão rápida evolução que teve, criou-se, de certa forma um ambiente desarticulado que importa corrigir.

Resultante daquela observação, neste seu trabalho desenvolveram seis trajetórias em torno das quais importa refletir para recentrar o caminho a seguir no que respeita ao ensino do empreendedorismo.

As trajetórias são:

- Porquê ensinar o empreendedorismo, ou seja, a definição de um objetivo claro;
- Definir o que é ensinado;
- Definir como é ensinado, enfatizando a componente experiencial;
- A sua organização/estrutura, dando-se importância à liderança e autoridade consistente e promoção da sustentabilidade;
- As métricas/resultados, traduzidas no sucesso, número de alunos matriculados, empreendimentos emergentes e rastreabilidade;
- Liderança dos programas de empreendedorismo, privilegiando-se credibilidade académica com mentalidade empresarial.

Por último, os autores referem a importância em avaliar o quanto é empreendedor o programa de empreendedorismo em causa, ou seja, o daquela escola em concreto.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

A chegada às escolas de uma geração de alunos, que apesar de impreparada, mas predisposta a uma atuação mais ágil e interventiva no mundo atual, tona-se evidente que estará mais interessada em empreender do que qualquer geração anterior.

Logo, se um programa de empreendedorismo devidamente estruturado puder oferecer este potencial de capacitação aos alunos, certamente que o empreendedorismo representará a capacidade daqueles indivíduos mudarem o mundo.

Os autores concluem que agora que o empreendedorismo atingiu a legitimação e amadurecimento, dois caminhos se encontram à sua disposição, entra-se numa visão conservadora que encontramos na atividade académica e afastada do contexto empreendedor, ou então abraçamos aquilo que aqui é proposto nas seis trajetórias definidas.

Sempre, sem perder de vista aquilo que é enfatizado pelos autores, ou seja, que o empreendedorismo, não tem o seu cerne na mecânica de como começar ou fazer crescer um negócio ou a descoberta de novas oportunidades, mas sim, sobre capacitação e transformação, sobre incentivar os alunos a sonhar e a dotá-los de ferramentas para a realização desses sonhos.

O desafio do século XXI, segundo os autores é a capacidade de cada professor fazer a diferença, na teoria, processo ou prática do empreendedorismo elevando a escola (universidade) a um patamar de modernidade criando uma atmosfera que potencia o aparecimento de novos produtos, ajuda as sociedades a crescer e expandir-se, proporciona uma força de trabalho capaz de manter uma postura empreendedora e cria um clima propício à inovação.

Mas existem múltiplas definições de empreendedorismo. De facto, o conceito de empreendedorismo é amplamente abordado em diversa literatura, sendo que cada autor o define de acordo com os princípios inerentes à sua especialidade (Costa, 2014).

Rosário (2007: 10) apresenta vários conceitos do termo empreendedorismo, desde a definição proposta por Richard Cantillon em 1730 que considera o empreendedor uma pessoa que trabalha por conta própria, que compra a um preço certo no presente e vende a um preço incerto no futuro, convivendo com a incerteza, passando pela definição de Adam Smith em 1776 na qual os empreendedores são agentes económicos que transformam a procura em oferta, com margens de lucro, até à recente definição de Bygrave (2004) na qual empreendedor é o indivíduo que vê numa oportunidade a possibilidade de criar um negócio. Nesse processo empreendedor envolve atividades e as ações associadas às perceções da oportunidade e a criação do negócio.

Schumpeter que nos anos 30 publica a sua obra *The Theory of Economic Development*, defende que o que faz um empreendimento ser único é a inovação (Schumpeter, 1934). Na mesma linha de pensamento Peter Ducker (1985) defende que só através desta se consegue fazer a diferença. De acordo com Firmino (2010: 4) para a compreensão do conceito na atualidade, esta abordagem é considerada fundamental sendo que para a criação de um negócio ou serviço diferente, a criatividade e inovação constituem um dos melhores trunfos no aproveitamento das oportunidades.

Bruin e Dupuis (2003) citadas por Firmino (2010), defendem a existência de diferentes tipologias de empreendedorismo desde o familiar, passando pelo empreendedorismo juvenil, até ao empreendedorismo imigrante/emigrante que será abordado no ponto seguinte.

O empreendedorismo imigrante/emigrante é uma temática que tem vindo a suscitar cada vez mais interesse.

Firmino (2010: 8) analisa o perfil de um empreendedor, colocando algumas questões: há características especiais que caracterizam um empreendedor? Que diferenças há na personalidade de um empreendedor em relação às outras pessoas? De acordo com o autor, estas questões suscitam por um lado divergências e por outro, diferentes argumentos. Sarkar (2009) por exemplo, coloca a questão desta forma: *será que apenas os detentores de negócios inovadores e orientados para o crescimento devem ser considerados empreendedores? Ou, qualquer detentor de um negócio é um empreendedor?*

Firmino (2010: 10) sintetiza estas questões considerando os empreendedores como, pessoas que perseguem os seus sonhos independentemente dos recursos de que dispõem. Baseando-se nas oportunidades de mercado sabem conceber ideias credíveis de negócios que, sozinhos ou em parcerias, procuram implementar. Refere ainda que a persistência, a criatividade e a capacidade de inovar permanentemente imperam como atributos de capital relevância para a conquista do sucesso no mundo empresarial.

2.5. O Empreendedorismo Imigrante/Emigrante

Para ter sucesso Kloosterman e Rath (2001), referem que também a estrutura de oportunidades é essencial para o sucesso do empresário emigrante.

Costa (2014: 36) refere que são muito diversas as razões que levam estas pessoas a tornarem-se empreendedoras. E dá o exemplo de pessoas que estavam desempregadas e que viram o empreendedorismo como uma boa solução, outras que não se encontravam totalmente realizadas nas suas atividades profissionais, ou até mesmo profissionais com um grau académico elevado e que por falta de equivalências nos países de destino não conseguem exercer as suas profissões, como são os casos dos médicos, advogados, contabilistas e como resultado viram-se obrigados a abrir os seus próprios consultórios ou gabinetes.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

Como se pode ver, existem múltiplas razões, assim como negócios variados para este empreendedorismo. Rodrigues (2010) apresenta um estudo dedicado a explorar quais os fatores que conjuntamente conduzem as mulheres imigrantes empreendedoras em Portugal para o setor da beleza. O estudo permite concluir que para além das poucas barreiras financeiras e técnicas à entrada neste setor, o género, a etnicidade e a experiência profissional no mesmo ramo no país de origem, são os principais responsáveis para o desenvolvimento destes negócios.

Sousa e Jorgensen (s.d.) apresentam uma perspetiva comparada entre o empreendedorismo migrante no Brasil e nos Estados Unidos, salientando que são diversos os estudos que indicam que as taxas de empreendedorismo dos imigrantes são maiores do que as dos nativos dos países em que residem. O estudo conclui ainda que o *background* dos imigrantes é um dos fatores responsáveis pelo sucesso do seu empreendedorismo, muito mais do que a mera escolaridade em si.

Hatziprokopiou (2008: 88) estuda o fenómeno do empreendedorismo de migrantes na Grécia, concluindo que as medidas de apoio a este fenómeno têm sido escassas neste país, e defendendo que como base de partida se deve proporcionar estabilidade, segurança e direitos a todos os imigrantes para a sua efetiva integração no mercado de trabalho em situação de igualdade com os cidadãos gregos.

Mendonça (2010) analisa o empreendedorismo dos portugueses no Brasil, mais propriamente no Recife, na primeira metade do século XX. Nesta altura, a cidade do Recife atravessava a que ficou conhecida por era da modernidade nas esferas económica, cultural e comportamental. O estudo conclui que os resultados obtidos indicam a existência de um empreendedorismo lusitano em diversas áreas produtivas e comerciais, desde as indústrias da panificação, de ferragens e construção, restauração, cafetaria e até no setor do entretenimento em geral.

Costa (2014) analisou o empreendedorismo de 56 emigrantes portugueses em diversas áreas de negócio. O principal objetivo do autor, foi o de perceber até que ponto os emigrantes portugueses são empreendedores, quer nas suas atividades de negócio, quer na procura de novos mercados. Dos resultados obtidos, salienta-se o espírito criativo, a paixão pelo trabalho, ou a capacidade de liderança destes empreendedores. Apesar da maioria das empresas serem classificadas como micro ou pequenas empresas, os empresários afirmaram já terem definido políticas de expansão para os seus negócios. Kloosterman e Rath (2003), acrescentam ainda que mesmo sendo pequenos negócios, eles são essenciais para as economias locais, contribuindo não só para o seu crescimento, mas também para a criação de emprego, ou até mesmo para a criação de novos métodos de trabalho.

Muito recentemente, Gonçalves *et al* (2016: 187) apresentaram um estudo sobre o empreendedorismo emigrante português em quatro lugares diferentes: Londres, Andorra, Nice

e Mônaco. Com este estudo foi possível concluir que, apesar da emigração do sexo masculino ser mais expressiva, nos tempos modernos - e contrariamente à tendência da emigração do passado, verifica-se - uma presença acentuada da emigração feminina. Por outro lado, estes emigrantes encontram-se numa faixa etária ativa, sendo a maioria oriundos da zona Norte de Portugal. Outro dado curioso do estudo é que a grande maioria destes emigrantes (84%), possui apenas a escolaridade obrigatória, fator que talvez explique o tipo de empreendedorismo que define os emigrantes nestas localidades (alojamento, restauração e similares - 54%, seguida da área do comércio por grosso e a retalho - 18%). Ao analisar o percurso empreendedor dos emigrantes, os autores concluíram que 89% têm uma empresa e 11% mais do que uma, e que estas foram criadas na mesma localidade onde foram acolhidos à chegada. O estudo também conclui que estes emigrantes procuram primeiro alguma estabilidade económico-social antes de avançarem para os seus projetos empreendedores. De entre outras variadíssimas conclusões, os autores enfatizam uma que é a seguinte: apesar da premente decisão de emigrar, os nossos emigrantes empreendedores não se acomodaram ao marasmo de uma vida medíocre, antes esforçaram-se por ultrapassar as dificuldades inerentes às mudanças que a vida lhes trouxe (Gonçalves *et al*, 2016: 191).

Meneses (2005) apresenta um estudo diferente, ou seja, por um lado, analisa o empreendedorismo do emigrante português no país de acolhimento, e por outro, analisa este mesmo empreendedorismo quando este ex-emigrante decide regressar ao seu país de origem.

Por um lado, estes emigrantes tiveram sucesso no país que os acolheu, favorecidos por políticas governamentais incentivadoras, mas aquando do regresso ao país de origem, os seus negócios fracassaram devido à falta de laços de confiança, de solidariedade e, de instituições com uma organização moderna e desburocratizada no nosso país, conhecedoras das especificidades empresariais dos empresários portugueses da diáspora (Meneses, 2005: 4).

Relativamente ao empreendedorismo dos imigrantes em Portugal, Oliveira *et al*. (2008) referem que as tendências das iniciativas empresariais dos imigrantes em Portugal, variam consoante a nacionalidade, sendo os chineses os mais propensos à iniciativa empresarial.

Por outro lado, o empreendedorismo imigrante sofre flutuações não sendo pois estável ao longo do tempo. No entanto, tal pode ser explicado pela própria evolução das políticas imigratórias.

Mendonça (2014) procura identificar o perfil do imigrante cabo-verdiano no norte de Portugal, tendo concluído que são as características sociodemográficas e trajetórias de vida destes emigrantes que estão na origem das suas iniciativas empresariais. Por outras palavras as suas condições sociais, a vivência “desfavorável” no passado, o meio envolvente, fez despertar a procura por outras alternativas de sobrevivência, como, a abertura do próprio negócio para garantirem o seu autoemprego, melhorar as suas condições de vida e integração na sociedade do país de acolhimento” (Mendonça, 2014: 6).

Recentemente, o (IFDEP) Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal lançou uma publicação *Empreendedorismo nas Comunidades Imigrantes - Um Olhar Sobre Portugal, 2015*. Esta publicação constitui um bom manual para quem dentre estas comunidades pretende criar o seu próprio negócio, uma vez que aborda diferentes temas como o conceito de empreendedorismo, os fluxos de imigração e suas características e dinâmicas, contextualiza o empreendedorismo imigrante e apresenta diversos exemplos e experiências de quem já se aventurou nesta temática.

Após esta análise sobre o empreendedorismo emigrante/imigrante, estamos agora em condições de passar para o último ponto desta revisão bibliográfica, ou seja, “*O Empreendedorismo dos Retornados Portugueses*”.

2.6. O Empreendedorismo dos “Retornados” Portugueses

Aquando do início da descolonização, criou-se em Portugal um organismo de apoio a quem chegava à metrópole - o Grupo de Apoio aos Desalojados do Ultramar (GADU). Mas, face ao número crescente de retornados, este mostrou-se insuficiente para atender a todos, tendo posteriormente sido criado o Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN), pelo Decreto-Lei n.º 169/75 de 31 de março (Droux, 1986). Este Instituto tinha inicialmente 60 colaboradores, mas, em finais de 1978 o seu valor já era de 3.000 funcionários. Ao mesmo tempo, várias estruturas tiveram que ser criadas na dependência deste organismo. Apesar disto, só em maio de 1976 foram definidas as modalidades de assistência e definidas a qualidade de retornado. Nesse período, o IARN rececionou os retornados e proporcionou-lhes vários apoios, nomeadamente, subsídios de emergência, alojamento, transportes, roupas e géneros, contando com orçamentos nacionais e ajudas internacionais, dentre as quais um empréstimo, do Conselho da Europa, de dois milhões e meio de contos e ainda fundos e géneros vários, provenientes dos E.U.A., F.A.O. e Noruega, para apenas citar os países e instituições internacionais que mais contribuíram (Droux, 1986: 40).

As crescentes necessidades, pressões e reclamações dos retornados obrigaram o Governo a criar o Comissariado para os Desalojados, pelo Decreto-Lei n.º 683-B/76 de 10 de setembro. Este Comissariado foi o único organismo que até outubro de 1976 procedeu ao recenseamento dos retornados, tendo sido extinto pelo Decreto-Lei n.º 350/79 de 30 de agosto (Droux, 1986).

Entretanto os retornados que eram considerados ativos, mas estavam desempregados, passaram a receber um subsídio especial de desemprego, situação que só foi possível pela criação do Decreto-Lei n.º 259/77 de 21 de junho. Mas tal subsídio só vigorou até 31 de dezembro de 1982, pelo que a partir desta data, estes beneficiários teriam apenas as mesmas regalias que os restantes cidadãos. O processo legal de integração dos retornados dava-se então por concluído em finais de 1982 (Droux, 1986).

De acordo com Oliveira (2008) o número de retornados variou entre 500 000 a 800 000, e Droux (1986) acrescenta também que o número mais provável deve ter sido próximo dos 600 000.

“Com a chegada dos retornados e cerca de 100.000 militares desmobilizados das guerras coloniais, o mercado do trabalho, já abalado pelas consequências do processo revolucionário, viu-se inundado por uma população ativa da ordem das 300.000 pessoas” (H-M Stahl, 1982 *in* Droux, 1986: 46). Simultaneamente, no início os retornados centralizavam-se nas áreas de Lisboa e Porto, onde os problemas de desemprego eram mais graves. No entanto, gradualmente os retornados foram-se deslocando para as suas regiões de origem.

O regresso às origens dos retornados trouxe uma série de benefícios demográficos para estas regiões, que se encontravam em forte decréscimo face à emigração que se tinha verificado. Por outro lado, Droux (1986: 47) acrescenta que relativamente às qualificações académicas, ..., se verifica que o analfabetismo, de 7% entre os retornados, contrasta com os 29% da restante população e que 4,7% dos retornados concluíram cursos superiores o que só sucedeu com 2,3% dos restantes portugueses. Refere ainda Droux que na população portuguesa, são retornados 16% dos indivíduos que realizaram cursos profissionais, 12% dos que possuem um curso médio e 11% dos que concluíram um curso superior.

Droux (1986) acrescenta ainda que se por um lado os retornados contribuíram para a melhoria das qualificações académicas dos portugueses, por outro também no mercado de trabalho apresentaram resultados positivos. Por exemplo, em 1976, segundo o censo do Comissariado para os Desalojados, existiam 110.000 desalojados ativos desempregados, em 1982, os centros de emprego já só contavam com cerca de 28.000. Ou seja, seis anos depois, só cerca de 6% de todos os retornados se encontravam, desempregados (Droux, 1986: 48 e 49). Para estes resultados, parecem ter contribuído o incremento da industrialização e expansão do sector dos serviços, particularmente nas regiões do interior (Barata, 1982) *in* (Droux, 1986). Boura, *et al* (1984) *in* (Droux, 1986: 49) salienta ainda que é factual que os retornados tiveram elevado grau de sucesso na integração económica, sendo isso evidente na sua experiência profissional e no estabelecimento de empresas e destacam-se dos ex-emigrantes pela sua maior facilidade em importarem novos métodos e estabelecerem empresas industriais.

Reforçando estas ideias dos parágrafos anteriores, e como já vimos anteriormente, um conjunto de fatores favoráveis estiveram na base do aparecimento e desenvolvimento do empreendedorismo dos retornados. Efetivamente, as tarefas desempenhadas pelos emigrantes nas ex-colónias, eram apenas acessíveis a estes e não à generalidade das populações autóctones. Estes emigrantes ao perceberem quais as necessidades que aquelas economias sentiam, rapidamente as entenderam como oportunidades de criação do próprio emprego. Relembrando a investigação de (Oliveira, 2008: 6) “*Para se ganhar dinheiro, em Angola, era por conta própria!*”.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

Por outro lado, ao chegarem à metrópole após a descolonização, as condições de integração eram diferentes para os que eram funcionários públicos e os que não eram, sendo que no segundo caso ao não serem integrados nos quadros do Estado, eram obrigados a procurar uma solução de emprego e sobrevivência. A isto acresce o facto de estes ex-colonos possuírem um *know how* fruto das suas experiências profissionais nas ex-colónias.

Ao mesmo tempo que os ex-colonos regressavam, assistia-se em Portugal a um aumento do fluxo migratório interno e internacional, nomeadamente de pessoas em idade ativa, depauperando demograficamente algumas regiões.

Machado (2011) destaca ainda o acesso mais facilitado à educação das mulheres nas ex-colónias. Contrariamente à situação na metrópole, sobretudo no meio rural, muitas jovens puderam prosseguir os seus estudos, o que lhes permitiu a aquisição de outros conhecimentos que muito dificilmente teriam adquirido se não tivessem rumado além-mar.

Oliveira (2008) apresenta alguns exemplos de empreendedorismo dos retornados. É o caso do entrevistado n.º 3, que partiu para África com o objetivo de ser docente, mas que, aquando do regresso, a sua atividade profissional se estendia da gestão das suas empresas (um colégio, uma farmácia e uma fazenda) à docência universitária (Oliveira, 2008: 6). Ou ainda a história da inserção profissional do entrevistado n.º 12 (que, apesar de a sua profissão, em África, ter sempre estado ligada ao comércio, desenvolvia em paralelo a atividade de eletricista de instalações) é ilustrativa das novas competências técnicas e profissionais, que estas pessoas trouxeram para os locais onde se vieram alojar. No caso específico, o entrevistado tirou dividendos do contexto que veio encontrar. A sua chegada foi mais ou menos coincidente com dois condicionantes conjunturais que lhe facilitaram a inserção laboral: em 1975, a eletrificação das áreas rurais do concelho da Guarda ainda não estava completa e assistia-se ao grande ímpeto na construção das “casas dos emigrantes”. Somar a isso a escassez de pessoas que possuíssem competências técnicas, nesta área, terão contribuído para catapultar o entrevistado para uma bem-sucedida inserção laboral (Oliveira, 2008: 8, 9). Estes são apenas dois dos exemplos, de entre outros, que poderíamos apresentar para reforçar o carácter empreendedor dos retornados.

Finalmente, não poderei terminar esta revisão sem esta constatação que Oliveira também apresenta no seu estudo e que reforça o carácter empreendedor e destemido destes retornados: fosse pelas condições inerentes à sua personalidade, ou simplesmente forçados pela necessidade de sobrevivência económica, muitos dos “retornados” socorreram-se de todas as vantagens comparativas obtidas através das suas vivências em África, num processo que surge vinculado aos seus discursos como *deitar mão a tudo* (Oliveira, 2008: 10).

3. Método

O método consiste na análise de dados qualitativos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com gravação de áudio, previamente autorizadas com base num guião de entrevista.

De facto, sendo a pesquisa qualitativa aquela que mais está relacionada com o levantamento de dados sobre as motivações de um grupo e como compreender e interpretar determinados comportamentos, normalmente suportada com recurso a entrevistas semiestruturadas em profundidade, vou analisar nove (9) entrevistas feitas a portugueses empreendedores (retornados) que na sequência do 25 de abril de 1974 e após o regresso forçado a Portugal vindos das ex-colónias, tiveram de criar a(s) sua(s) empresa(s) e dar início a novas formas de vida partindo do zero.

Na Tabela n.º 1 e na Tabela n.º 2 podemos consultar alguns dados demográficos dos entrevistados que retornaram respetivamente de Angola e de Moçambique.

Tabela N.º 1 - Alguns dados demográficos dos entrevistados retornados de Angola

Ex-Colónia	Nome do Retornado	Género	Data de Nascimento Idade	Estado Civil
	Domingos	Masculino	13/01/1942 - 76	Casado
	Rodrigues	Masculino	30/05/1943 - 75	Casado
ANGOLA	Alberto	Masculino	02/06/1946 - 72	Casado
	Augusto	Masculino	17/09/1941 - 76	Casado
	Amândio	Masculino	22/07/1937 - 80	Casado

Verificamos que os entrevistados de Angola são todos do género masculino. As suas idades oscilam entre os 72 anos de idade, o mais novo (Sr. Alberto) e a idade mais elevada, 80 anos (Sr. Amândio).

Todos os entrevistados de Angola são casados.

Em seguida, na Tabela n.º 2, verificamos que com exceção de uma retornada, Sra. Lucília, todos os outros entrevistados são do género masculino.

Tabela N.º 2 - Alguns dados demográficos dos entrevistados retornados de Moçambique

Ex-Colónia	Nome do Retornado	Género	Data de Nascimento Idade	Estado Civil
	António	Masculino	14/04/1958 - 60	Casado
	Albino	Masculino	18/02/1942 - 76	Casado
MOÇAMBIQUE	Lucília	Feminino	09/06/1935 - 83	Viúva
	Alexandrino	Masculino	17/03/1945 - 73	Casado

Já no que diz respeito às idades, estas variam entre a mais baixa, 60 anos do retornado, Sr. António, e os 83 anos, da Sra. Lucília, a mais elevada.

Com a exceção da Sra. Lucília, todos os entrevistados são casados. A Sra. Lucília tendo sido casada, é agora viúva.

3.1. Recolha e Análise de Dados

As entrevistas foram realizadas em datas e locais previamente acordados com os entrevistados. Procurou-se que os locais da sua realização fossem calmos, tivessem um mínimo de conforto e não houvesse interrupções que perturbassem o diálogo com o nosso entrevistado.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio tendo-se procedido depois à sua transcrição.

Foi pedido a todos os entrevistados se autorizavam a gravação áudio das suas entrevistas, bem como se pretendiam manter-se anónimos ou se poderíamos revelar as suas identidades. Todos sem exceção aceitaram que as entrevistas fossem gravadas, e aceitaram revelar as suas identidades.

Os dados foram depois tratados com recurso ao software webQDA.

Este programa permite que os dados não numéricos e não estruturados sejam analisados num ambiente colaborativo e distribuído com base na internet (Neri de Sousa; Costa; Moreira, 2011, p. 19), permitindo um apoio ao investigador nas várias fases do processo de investigação, possibilitando trabalhar e questionar os dados de modo fácil, rápido e objetivo e inflexível.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Tabela N.º 3 - Formulação das perguntas de investigação

Perguntas	Perguntas aos Dados Codificados	Funcionalidades webQDA
Por que motivo foi para as ex-colónias?	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprir o serviço militar? • Reunir-se com familiares? 	Matriz que cruza o atributo ex-colónia com a subcategoria “motivo”
Qual a principal dificuldade que sentiu após o regresso à Metrópole?	<ul style="list-style-type: none"> • Desemprego? • Falta de apoio do Estado? <ul style="list-style-type: none"> • Financeiras? • Metrópole menos desenvolvida que ex-colónias? 	Matriz que cruza o atributo ex-colónia com a subcategoria “dificuldades”
Para onde se deu o seu regresso?	<ul style="list-style-type: none"> • Interior? • Litoral? 	Matriz que cruza o atributo ex-colónia com as subcategorias “interior” e “litoral”
Quando regressou contou com algum tipo de ajuda?	<ul style="list-style-type: none"> • Estado? • Família? • Nenhuma ajuda? 	Matriz que cruza o atributo ex-colónia com a subcategoria “apoios”
Qual a sua principal motivação para criar o seu negócio?	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunidade? • Experiência no ramo? 	Matriz que cruza descritores com o código árvore
Da experiência adquirida em África qual a que mais influenciou o seu negócio cá?	<ul style="list-style-type: none"> • Melhor organização/Gestão da empresa • Experiência de trabalho com mercados diversos e de maior dimensão <ul style="list-style-type: none"> • Estratégia, planeamento e Visão (conhecimento) • Teve influência, mas o entrevistado não concretiza 	Matriz que cruza os descritores com o código árvore

Tabela N.º 3 - Formulação das perguntas de investigação (cont.)

Perguntas	Perguntas aos Dados Codificados	Funcionalidades webQDA
O negócio teve ou tem relações comerciais com o estrangeiro?	<ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não 	Matriz que cruza os descritores com o código árvore
Realiza ou realizou transações comerciais com outros empresários que vieram das ex-colónias?	<ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não 	Matriz que cruza os descritores com o código árvore
O apoio do IARN contribuiu significativamente para ser empreendedor?	<ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não 	Matriz que cruza os descritores com o código árvore
Qual o número de negócios criados após o regresso?	<ul style="list-style-type: none"> • 1 • 2 • 3 • 4 • 5 ou mais 	Matriz que cruza os descritores com o código árvore
Quantos trabalhadores chegaram a ter em simultâneo os seus negócios?	<ul style="list-style-type: none"> • 4 trabalhadores • 5 trabalhadores • 13 trabalhadores • 17 trabalhadores • 23 trabalhadores • 45 trabalhadores • 50 trabalhadores • 230 trabalhadores 	Matriz que cruza os descritores com o código árvore
Quais as suas habilitações académicas	<ul style="list-style-type: none"> • 3ª Classe • 4ª Classe • 6º Ano (equivalente) • 8º Ano (equivalente) • 9º Ano (equivalente) • 11º Ano (equivalente) 	Matriz que cruza os descritores com o código árvore

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Tabela N.º 3 - Formulação das perguntas de investigação (cont.)

Perguntas	Perguntas aos Dados Codificados	Funcionalidades webQDA
Que avaliação faz hoje do seu negócio?	<ul style="list-style-type: none">Foi bom financeiramente e permitiu os estudos dos filhos e netosNada refere na entrevista (não concretiza)	Matriz que cruza os descritores com o código árvore

Como referem Sousa, Costa, & Moreira, 2010, 2011a, 2011b, com o webQDA podem-se criar categorias, codificar, controlar, filtrar, fazer buscas e questionar os dados com o objetivo de responder às suas questões de investigação.

A escolha dos entrevistados foi feita por critérios de conhecimento, conveniência e proximidade.

3.2. Entrevistas Áudio - Data da Recolha

As entrevistas foram realizadas a portugueses retornados de Angola e Moçambique, com base num guião de entrevista previamente definido.

A aplicação desse guião em entrevistas foi feita por alunos.

O Guião de entrevista (disponível no Anexo B, pág. 71), estava subdividido nas seguintes partes:

- **Informação da entrevista** (data/hora/local/entrevistador)
- **Dados demográficos** (do entrevistado)
- **Ponto da situação antes da partida para o ultramar**
- **O regresso, ou a vinda** (enquadramento do regresso a Portugal)
- **O(s) negócio(s) após ter vindo para Portugal Europeu** (qual ou quais, as motivações, as ajudas, as dificuldades...)
- **Resultado do(s) negócio(s)** (qual a dimensão, sucesso/insucesso, impacto)

Na próxima Tabela n.º 4, podemos consultar o local e o dia da recolha da entrevista, o Distrito a que pertence bem como a sua duração.

Tabela N.º 4 - Local de recolha, dia e duração das entrevistas

Ex-Colónia	Nome do Retornado	Local Da Entrevista	Distrito da Entrevista	Dia da Entrevista	Duração da Entrevista
ANGOLA	Domingos	Chão de Codes	Santarém	14/06/2017	00:30:53
	Rodrigues	Póvoa da Atalaia	Castelo Branco	16/06/2017	00:48:31
	Alberto	Covilhã	Castelo Branco	01/06/2017	01:12:00
	Augusto	Viseu	Viseu	30/05/2017	01:32:64
	Amândio	Sabugal	Guarda	23/05/2017	00:58:40
MOÇAMBIQUE	António	Covilhã	Castelo Branco	23/05/2017	00:13:08
	Albino	S. Pedro Tomar	Santarém	26/05/2017	01:15:01
	Lucília	Tortosendo	Castelo Branco	30/05/2017	00:35:43
	Alexandrino	Fundão	Castelo Branco	25/05/2017	00:56:40

A recolha das entrevistas decorreu entre os dias 23/05/2017 e 16/06/2017, tal como resulta da referida Tabela n.º 4.

Foi feita a transcrição de todas as entrevistas, com uma duração total de 08h:03m:40s e 47.073 palavras.

3.3. Entrevistas Áudio - Locais de Recolha

Ainda da análise da Tabela n.º 4, resulta que as entrevistas foram recolhidas:

- cinco (5) delas no Distrito de Castelo Branco
- duas (2) no Distrito de Santarém
- uma (1) no Distrito da Guarda
- uma (1) no Distrito de Viseu

3.4. Entrevistas Áudio - Duração das Entrevistas

A duração das entrevistas variou entre 00:13:08, a de menor duração e que pertence ao Sr. António, retornado de Moçambique e 01:32:64, a mais longa e que pertence ao Sr. Augusto, retornado de Angola. Também na Tabela n.º 4 é possível visualizar a duração de cada uma das entrevistas.

Com base na informação contida nessas entrevistas aos empreendedores e com o seu tratamento na aplicação webQDA, criei tabelas para me facilitarem a interpretação dos resultados.

4. Apresentação e Discussão de Resultados

Na Revisão de Literatura citando Nunes (2012) que refere que falar de migrações, é falar de um fenómeno extensivo aos campos da sociologia, da economia, da história ou da geografia, fenómeno esse que abrange globalmente civilizações e sociedades e que deve ser entendido como fonte de progresso e controvérsia.

De facto, a integração dos retornados, começa hoje a ser entendida e catalogada como uma história de sucesso. Mas também a segunda parte da afirmação de Nunes (2012), se confirma, pois, todos os temas que se relacionam com os retornados ainda hoje estão envoltos em grande controvérsia na sociedade portuguesa, havendo uma longa história para contar.

4.1. O Motivo da Ida para o Ultramar

Em primeiro lugar tentou-se perceber por que motivo foram os entrevistados para as ex-colónias, tendo-se obtido os resultados que constam da Tabela n.º 5.

Tabela N.º 5 - Motivo da ida para a ex-colónia

Motivo por que foi para a Ex-Colónia	Ex-Colónia	
	Angola	Moçambique
Cumprir Serviço Militar	4	1
Reunir-se com Familiares	1	3

Verifica-se então que quatro retornados de Angola e um retornado de Moçambique foram para a ex-colónia para cumprirem o serviço militar obrigatório, findo o qual, optaram por ficar.

Também na Revisão de Literatura verificou-se, segundo Oliveira (2008), que os ex-combatentes que terminavam as suas obrigações militares acabavam por ficar no Ultramar.

Por outro lado, um retornado de Angola e três retornados de Moçambique, foram para as ex-colónias para se reunirem com familiares que já lá estavam, e na Revisão de Literatura, Oliveira (2008), refere que rapidamente se passou a uma abertura muito maior, com os familiares e conhecidos que aí se encontravam a “mandar ir” outros familiares e amigos.

Ou seja, neste particular, os dois motivos invocados pelos nove entrevistados confirmam a Literatura revista.

4.2. Em que Zona do País se Radicou Após o Regresso a Portugal

Em seguida, tentou-se perceber onde se radicaram os entrevistados quando regressaram a Portugal.

Para perceber isso, elaborou-se a Tabela n.º 6. Observamos então que nenhum dos nove entrevistados se radicou no litoral do país.

Tabela N.º 6 - Local para onde ocorreu o regresso

Ex-Colónia	Retornado	Interior			Litoral		
		Junto da Família	Terra de Nascimento	Junto de Amigos	Junto da Família	Terra de Nascimento	Junto de Amigos
ANGOLA	Domingos	1					
	Rodrigues	1					
	Alberto	1					
	Augusto		1				
	Amândio	1					
MOÇAMBIQUE	António	1					
	Albino	1					
	Lucília	1					
	Alexandrino	1					

Questionaram-se os entrevistados sobre para que zona do país ocorreu o seu regresso das ex-colónias. Perguntado se para o interior ou se para o litoral, todos disseram que se radicaram no interior de Portugal. Oito dos entrevistados, quatro de cada uma das ex-colónias, referiram ter regressado para junto de familiares.

Apenas um retornado de Angola referiu ter regressado à terra de nascimento.

De certa forma, esta Tabela n.º 6 contraria a opinião formulada, por exemplo, pelo jornalista Fernando Dacosta quando no debate que se seguiu à Grande Reportagem da TVI, intitulada “*O lugar onde eu fiquei*”, e que foi para o ar no programa 21ª Hora, em 7 de novembro de 2016, referiu que as autoridades portuguesas, os responsáveis, foram inteligentes ao terem disseminado os retornados pelo país inteiro, contrariamente ao que foi feito em França em que os concentraram, resultando daí muitos problemas.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Também no Jornal Público numa reportagem de São José Almeida, intitulada “*Retornados Uma História de Sucesso Por Contar*” e publicada em 20 de abril de 2014, in <https://www.publico.pt/2014/04/20/jornal/retornados-uma-historia-de-sucesso-por-contar-28145408>, o sociólogo Rui Pena Pires, nascido no Huambo, antiga Nova Lisboa em Angola e que é o autor da única grande investigação sobre o tema “*Migrações e Integração. Teoria e Implicações à Sociedade Portuguesa, Celta, 2003*”, refere que o Comissário para os Desalojados com base numa imposição sua, colocou a condição de se deslocar a França para se inteirar do processo dos “*pieds-noirs*”. E continua dizendo que os responsáveis com quem o Comissário se encontrou assumiram o erro francês de terem concentrado os desalojados em Marselha e aconselharam a que Portugal optasse por uma dispersão dos seus retornados.

Pode então confirmar-se essa dispersão por todo o país na Tabela n.º 7 cujos dados retirei do site <https://refugiadosemlisboa.wordpress.com/2012/10/16/iarn/>, que por sua vez os reproduzia de <http://www.espoliadosultramar.com>, de Ângelo Soares.

Como é compreensível pela leitura dessa Tabela n.º 7, Lisboa, Porto e Setúbal apresentam os valores mais elevados, enquanto Portalegre, Évora e Beja apresentam os valores mais baixos. No entanto, os retornados aparecem disseminados um pouco por todo o lado. Até mesmo, Açores e Madeira.

Aliás, não me parece absurdo que Lisboa, Porto e Viseu, por exemplo, apresentem valores mais elevados já que, foi igualmente desses centros que partiram mais portugueses para as ex-colónias.

Numa entrevista para o Observatório da Emigração realizada por Filipa Pinho em Lisboa, no dia 26 de abril de 2010, a Cláudia Castelo, estudiosa da emigração portuguesa para Angola e Moçambique (doutorada em Ciências Sociais pelo ICS e na altura da entrevista investigadora auxiliar no IICT, onde desenvolvia um projeto de recolha de histórias de vida de cientistas e técnicos da Junta de Investigações do Ultramar, e cuja tese de doutoramento versava sobre o colonialismo de povoamento), a entrevistada refere exatamente que reparou que a maioria dos colonos para Angola e Moçambique eram de Lisboa. E acrescenta, referindo-se às zonas mais representativas Lisboa, Porto, Viseu (...).

É natural e compreensível que ao regressarem, o façam para os locais de onde partiram.

Numa outra vertente, a Tabela n.º 6, dá de certa forma razão ao sociólogo Pena Pires, quando este refere na já referida Revista 2 do Público que a integração dos retornados “*teve um impacto muito grande no interior, que estava paralisado*”.

Mas vejamos então na próxima página a referida Tabela n.º 7.

Tabela N.º 7 - Desalojados de África por Distritos

Distrito	Nº Retornados	% Retornados na População Residente
Continente + Ilhas	505 087	5,1
Continente	493 093	5,3
Aveiro	25 597	4,4
Beja	3 040	1,6
Braga	16 040	2,3
Bragança	15 979	8,7
Castelo Branco	10 064	4,3
Coimbra	22 745	5,2
Évora	3 918	2,2
Faro	19 224	5,9
Guarda	14 415	7,0
Leiria	19 141	4,6
Lisboa	166 872	8,1
Portalegre	3 560	2,5
Porto	56 254	3,6
Santarém	20 457	4,5
Setúbal	49 512	7,5
Viana do Castelo	7 948	3,1
Vila Real	14 239	5,4
Viseu	22 052	5,2
Açores	4 812	2,0
Madeira	7 182	2,8

Fonte: Tabela retirada de <http://www.espoliadosultramar.com>, de Ângelo Soares

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Ainda relativamente a esta Tabela n.º 7, deve referir-se, segundo a sua fonte, que a mesma tem por base os registos do IARN, não constando da mesma os funcionários públicos, muitos retornados que temporariamente se fixaram no estrangeiro, assim como aqueles milhares de famílias que felizmente não dependiam do IARN. Esta constatação justifica a diferença entre os cerca de 700.000 retornados referidos no Resumo desta Dissertação, e os cerca de 500.000 assinalados na Tabela.

4.3. Dificuldades Encontradas no Regresso a Portugal

Em seguida, é importante perceber, após o regresso, qual a dificuldade mais enfatizada pelos entrevistados, tendo resultado dessa análise a Tabela n.º 8.

Tabela N.º 8 - Qual a principal dificuldade encontrada no regresso a Portugal?

Principal Dificuldade	Ex-Colónia	
	Angola	Moçambique
Portugal menos desenvolvido que as ex- colónias	2	0
Falta de apoio do Estado	0	1
Financeiras	2	2
Desemprego	1	1

Percebe-se então que para dois retornados de Angola, a principal dificuldade foi o facto de Portugal ser menos desenvolvido que a ex-colónia.

Já um retornado de Moçambique, queixa-se da falta de apoio do Estado.

Para dois retornados de Angola e outros dois de Moçambique, a principal dificuldade foi financeira, enquanto que para um retornado de Angola e outro de Moçambique, o desemprego foi o maior inimigo.

Embora apenas dois retornados tenham salientado como maior dificuldade o facto de Portugal ser menos desenvolvido que a ex-colónia, é verdade que quase todos eles de certa forma num ou outro momento da entrevista deixam perceber esse sentimento.

A própria literatura confirma isso através de variados aspetos, como por exemplo o acesso facilitado à educação das mulheres nas ex-colónias (Machado,2011), em contraste com as mulheres da Metrópole.

No mesmo sentido referiu Oliveira (2008:10) (...) muito dos “*retornados*” socorreram-se de todas as vantagens comparativas obtidas através das suas vivências em África, num processo que surge vinculado aos seus discursos como deitar mão a tudo.

Avaliando agora a dificuldade ligada ao desemprego, apontada por dois dos entrevistados, a literatura de uma maneira geral salienta a forma como tal dificuldade foi superada.

Droux (1986: 48 e 49) enaltece o facto de segundo o censo de 1976 do Comissariado para os Desalojados, existiam cerca de 110.000 desalojados ativos desempregados e, em 1982, seis anos depois, só cerca de 6% de todos os retornados se encontravam desempregados.

Uma das justificações para esta diminuição do número de retornados desempregados foi avançada por Oliveira (2008:6), que referiu ter havido como que um reconhecimento das necessidades que se faziam sentir na altura e transformaram isso em oportunidades de criação do próprio emprego.

Quanto à dificuldade que tem a ver com a falta de apoio do Estado, várias opiniões apontam isso como uma das razões para o sucesso da integração dos retornados.

Ou seja, as pessoas foram obrigadas a encontrar outras soluções que não fiquem agarradas a possíveis subsídios.

O sociólogo Pena Pires defende isso mesmo e até faz a equiparação com os *pied-noirs* em França. Refere mesmo Pena Pires que “em França, as indemnizações são centrais, cá não se falou nisso”.

4.4. Que Ajudas/Apoios Teve Quando Regressou

Era também importante perceber que ajudas tiveram os entrevistados após o regresso das ex-colónias.

Na Tabela n.º 9 temos o resultado obtido quanto ao tipo de apoio que os nove entrevistados tiveram quando regressaram a Portugal.

Nessa Tabela n.º 9, relevou-se o tipo de apoio que cada entrevistado mais enfatizou.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Tabela N.º 9 - Que tipo de ajuda/apoio teve quando regressou das ex-colónias?

Tipo de Ajuda	Angola	Retornado	Moçambique	Retornado
Apoio da Família	3	Domingos Alberto Amândio	1	Albino
Apoio do Estado	0		1	António
Nenhum apoio	2	Rodrigues Augusto	2	Lucília Alexandrino

Verificamos então que três retornados de Angola e um de Moçambique referem ter beneficiado de apoio da família.

Há um retornado de Moçambique que diz ter tido apoio do Estado, sendo que, dois retornados de Angola e dois retornados de Moçambique dizem não ter tido nenhum apoio.

De facto, da leitura das entrevistas, verifica-se que os entrevistados tiveram várias ajudas, quer do Estado, quer de familiares.

Resulta que de uma maneira geral, com a exceção de um retornado de Moçambique, todos desvalorizaram o apoio recebido por parte do Estado.

Como referi, na Tabela n.º 9 salientou-se o tipo de apoio que cada entrevistado mais valorizou.

4.5. O Apoio do IARN e a Sua Influência

Contudo, parece interessante perceber quantos dos entrevistados beneficiaram em algum momento de apoio do IARN.

O resultado consta da Tabela n.º 10, onde se verifica que dos nove entrevistados, seis deles (quatro retornados de Angola e dois retornados de Moçambique), beneficiaram em algum momento de apoio do IARN.

Dos três entrevistados que disseram não ter recebido qualquer apoio do IARN, um é de Angola e dois são de Moçambique.

Tabela N.º 10 - Recebeu em algum momento apoio do IARN?

Ex-Colónia	Retornado	Sim	Não
ANGOLA	Domingos	1	
	Rodrigues		1
	Alberto	1	
	Augusto	1	
	Amândio	1	
MOÇAMBIQUE	António	1	
	Albino	1	
	Lucília		1
	Alexandrino		1

De facto, são interessantes algumas das referencias que os entrevistados fazem ao apoio que receberam do IARN, havendo comentários como “*não deu para comprar um par de botas*”, “*não dava para se quisesse almoçar com a família*”, “*davam 2 ou 3 contos de 3 em 3 meses ou de 6 em 6 meses davam farinha (...) de vez em quando a mulher vinha lá buscar o saco para fazer os bolos para matar a fome (...)*” ou ainda, “*pequena ajuda financeira -alguns subsídios para alimentação -, alojamento durante uns tempos*”.

E isto leva-nos à Tabela n.º 11 com a qual tentamos perceber se o apoio recebido do IARN influenciou na decisão de criação do seu negócio.

Tabela N.º 11 - O apoio recebido do IARN teve influência na decisão de criação do negócio?

Ex-Colónia	Retornado	Sim	Não
ANGOLA	Domingos		1
	Rodrigues		1
	Alberto		1
	Augusto		1
	Amândio	1	
MOÇAMBIQUE	António		1
	Albino		1
	Lucília		1
	Alexandrino		1

O resultado não deixa qualquer margem para dúvidas. Apenas um retornado de Angola respondeu afirmativamente. Todos os outros entrevistados responderam que o apoio do IARN não teve qualquer influência na decisão de criação do seu negócio.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

É certo que para além dos apoios do IARN houve outros apoios e dou como exemplo o crédito concedido pelo CIFRE, nome que resultou da comissão que o geria.

O CIFRE era um crédito especial para retornados que provinha de doações internacionais do Governo sueco e que atingiu os 18 milhões de euros.

No entanto, e relativamente ao resultado da Tabela n.º 11, é que apesar da pergunta se referir especificamente ao IARN, extrai-se dos entrevistados que a decisão de empreenderem não resultou de qualquer apoio, fosse do IARN ou outro, excetuando-se, como já referi, um dos retornados de Angola que referiu que o apoio recebido do IARN influenciou a decisão de criar o seu negócio.

4.6. Principal Razão Para a Criação do Negócio

Então, qual o motivo que mais influenciou os entrevistados na criação do seu negócio, após terem regressado das ex-colónias?

Esta questão leva-nos à próxima Tabela.

Na Tabela n.º 12, que se segue, procura-se perceber se havia sido uma questão de oportunidade ou, se a experiência anterior que tinham desse ramo de negócio, influenciou a decisão de criação dos seus negócios.

Tabela N.º 12 - Qual o principal motivo para a criação de um negócio após o seu regresso das ex-colónias?

Ex-Colónia	Retornado	Oportunidade	Experiência Anterior no Ramo
ANGOLA	Domingos		1
	Rodrigues	1	
	Alberto	1	
	Augusto		1
	Amândio		1
MOÇAMBIQUE	António		1
	Albino	1	
	Lucília	1	
	Alexandrino	1	

O resultado obtido, diz-nos que dois retornados de Angola e três de Moçambique identificam que foi uma questão de oportunidade, enquanto, por outro lado, três retornados de Angola e

um retornado de Moçambique referem terem sido influenciados pela experiência anterior no ramo de negócio criado.

Parece, contudo, que as duas questões estão ligadas e não se podem dissociar.

Toda a leitura feita refere, por um lado o atraso que Portugal atravessava quando do regresso dos retornados, por outro, o know-how dos retornados.

Ou seja, face à experiência e conhecimentos que tinham, os retornados souberam reconhecer como ninguém as necessidades de que o país precisava.

Aliás, a tabela n.º 12 contempla o motivo ao qual cada entrevistado mais enfatizou, sendo que, verdadeiramente, todos os entrevistados afluam quer a sua experiência, quer a capacidade em reconhecerem oportunidades de negócio.

Como referiu na Revista 2 do Público de 20 de abril de 2014, a jornalista São José Almeida no artigo *“Retornados Uma história de sucesso por contar”* citando o jornalista Emídio Rangel, angolano nascido no Lubango (antiga Sá da Bandeira), a integração dos retornados foi uma história de sucesso porque, em Angola, havia uma aprendizagem em que quem tivesse capacidade se evidenciava, conseguindo ter sucesso.

Refere ainda o jornalista, que por outro lado, com a Revolução houve *“uma paralisação da atividade económica”* na metrópole que, *“beneficiou com a chegada de elementos que na região A ou na região B se propunha fazer iniciativas com sucesso”*.

E conclui dizendo que com essa atitude criou-se um clima que ajudou o país a desenvolver-se.

E no mesmo sentido, pode ler-se na página de Economia do Jornal de Negócios de 25 de abril de 2014, num artigo intitulado *“25 de abril: Retornados contam história 40 anos depois”*, in http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/25_de_abril_retornados_contam_historia_40_anos_depois, entrevistas feitas pela Lusa a retornados de Angola e Moçambique, onde uma entrevistada, Maria Guilhermina Arruda explica que chegou contente por ter fugido de uma guerra, mas muito triste por regressar da forma que regressou.

E acrescenta que veio encontrar um país *“em desarranjo”* e *“a cair aos bocados”*, ao qual os retornados deram *“uma ajuda”*, porque vinham *“com vontade de trabalhar”* e agarraram *“o que pudessem”*.

4.7. Número de Negócios Criados Após o Regresso a Portugal

Em seguida era importante perceber o quão empreendedores eram os nove entrevistados. Teriam criado apenas um negócio para garantir a sua sobrevivência, ou eram de facto

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

empreendedores natos e criaram vários negócios independentemente da manutenção desses mesmos negócios?

Na Tabela n.º 13, temos o número de negócios que cada um dos entrevistados criou desde que regressou a Portugal.

E os resultados são de facto surpreendentes.

Apenas dois entrevistados, retornados de Angola, se ficaram pela criação de um só negócio. Outros dois retornados de Angola ficaram-se pela criação de dois negócios cada um deles.

Mas vejamos primeiro a referida Tabela n.º 13:

Tabela N.º 13 - Qual o número de negócios criados após o seu regresso a Portugal?

Ex-Colónia	Retornado	Número de Negócios Criados Após o Regresso a Portugal				
		1	2	3	4	5 ou mais
ANGOLA	Domingos		1			
	Rodrigues		1			
	Alberto				1	
	Augusto	1				
	Amândio	1				
MOÇAMBIQUE	António			1		
	Albino					1
	Lucília			1		
	Alexandrino			1		

Desta Tabela n.º 13 resulta ainda o facto impressionante de cinco dos entrevistados terem criado três ou mais negócios cada um deles.

Três retornados de Moçambique criaram três negócios cada um deles, um retornado de Angola criou quatro negócios e um retornado de Moçambique criou cinco ou mais negócios.

Uma vez mais realço o que disse Maria Guilhermina Arruda de quem me referi relativamente à Tabela n.º 12, quando diz que os retornados vinham “*com vontade de trabalhar*” e agarraram “*o que pudessem*”.

Voltando a citar Fernando Dacosta, “*Tinham o empreendedorismo, como agora se diz, estavam na massa do sangue*”.

4.8. Atividade dos Negócios Criados Após o Regresso a Portugal

Uma das curiosidades deste estudo era a de perceber em que áreas de atividade se inseriam os negócios criados pelos nove entrevistados. Por outro lado, saber se esses negócios ainda se mantêm em atividade.

Da totalidade de vinte e cinco negócios criados pelos nove entrevistados, quinze ainda estão em atividade.

Como referido na revisão de literatura, Boura, *et al* (1984) *in* (Droux, 1986: 49) salienta que é factual que os retornados tiveram elevado grau de sucesso na integração económica, sendo isso evidente na sua experiência profissional e no estabelecimento de empresas e destacam-se dos migrantes pela sua maior facilidade em importarem novos métodos e estabelecerem empresas industriais.

Como refere Fernando Dacosta na sua obra “*Os Retornados Mudaram Portugal*”, os retornados chegaram, em pequenos grupos, a todo o país e em pequenas ocupações, a todos os sectores.

E concretiza que por quase todo o país surgiram, assim, empresas comerciais (cafés, restaurantes, supermercados), industriais (aviários, fábricas transformadoras, serviços de frio), agrícolas, transportadoras, piscatórias, etc.

Também relativamente aos entrevistados que sustentam este trabalho podemos verificar na próxima Tabela n.º 14 que as atividades são muito diversificadas. Temos empresas de construção civil e obras públicas, restaurantes, comércio e montagem de cortinados, indústria de presuntos, oficina de reparação automóvel, fábrica de estofos, indústria e comércio de materiais de construção, churrasqueira, peixaria, comércio de artigos desportivos, drogaria, moagem de rações para animais e farinhas para alimentação humana, citando apenas as que ainda se mantêm em atividade desde a primeira hora.

Da referida Tabela n.º 14, destaco o retornado, Alberto de Angola, que mantém três negócios ainda em atividade e o retornado Albino, de Moçambique, com cinco negócios em atividade.

Dos negócios que já não estão em atividade, destaco a minhococultura (cultura de minhocas), bastante enfatizada pelo retornado Alexandrino, de Moçambique, por ter constituído à época uma novidade, tal como refere na sua entrevista.

Vejamos então a Tabela n.º 14:

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Tabela N.º 14 - Qual a atividade dos negócios criados após o seu regresso a Portugal?

Ex-Colónia	Retornado	Número de Negócios Criados Após o Regresso	Atividade do Negócio Criado	Ainda em Atividade	
A N G O L A	Domingos	2	✓ Indústria de Carnes (Presuntos) ✓ Engorda e Comércio de Gado	Sim Não	
	Rodrigues	2	✓ Agricultura ✓ Indústria e Comércio de Materiais de Construção	Não Sim	
	Alberto	4	✓ Feirante de Artigos Têxteis	Não	
			✓ Comércio e Montagem de Cortinados	Sim	
			✓ Construção Civil e Obras Públicas	Sim	
			✓ Restaurante	Sim	
	Augusto	1	✓ Oficina de Reparação Auto	Sim	
	Amândio	1	✓ Fabrico e Comércio de Estofos	Sim	
	M O Ç A M B I Q U E	António	3	✓ Churrasqueira	Sim
				✓ Taberna	Não
✓ Comércio de Produtos Alimentares				Não	
Albino		5 ou Mais	✓ 2 de Construção Civil e Obras Públicas	2 Sim	
			✓ Abertura e Limpeza de Valetas	Sim	
			✓ Criação de Gado	Não	
			✓ Peixaria	Sim	
Lucília		3	✓ Comércio de Artigos Desportivos	Sim	
			✓ Drogeria	Sim	
			✓ Queijaria	Não	
Alexandrino	3	✓ Comércio de Materiais de Construção	Não		
		✓ Moagem de Rações para Animais e Farinhas para Alimentação Humana	Sim		
		✓ Vacaria	Não		
			✓ Minhococultura (Cultura de Minhocas)	Não	

Da totalidade de negócios criados, resulta que dez foram criados pelos retornados de Angola e quinze pelos retornados de Moçambique, sendo que de Angola, mantêm-se em atividade sete negócios, e de Moçambique mantêm-se em atividade oito negócios.

4.9. Importância e Grandeza do(s) Negócio(s)

Mas que relevância teriam tido ou têm esses negócios criados pelos nossos entrevistados? Era importante perceber o grau de grandeza e a importância dos negócios criados.

Temos por isso a Tabela n.º 15.

Tabela N.º 15 - Os seus negócios têm ou tiveram relações comerciais internacionais?

Ex-Colónia	Retornado	Sim	Não
ANGOLA	Domingos	1	
	Rodrigues		1
	Alberto	1	
	Augusto	1	
	Amândio	1	
MOÇAMBIQUE	António		1
	Albino	1	
	Lucília		1
	Alexandrino	1	

Esta Tabela n.º 15 tem por base a questão formulada aos nove entrevistados sobre se as empresas que criaram após o regresso das ex-colónias tinham ou tiveram relações comerciais com o estrangeiro para avaliar o patamar a que tinham chegado.

Das respostas dadas, resulta que quatro retornados de Angola e dois retornados de Moçambique responderam afirmativamente.

Já por outro lado, um retornado de Angola e dois retornados de Moçambique responderam negativamente.

Ou seja, dos nove entrevistados, seis deles tiveram em algum momento trocas comerciais com o estrangeiro.

Em seguida tentei perceber nas entrevistas a mão de obra contratada e apurei quantos trabalhadores chegaram a ter em simultâneo nos seus negócios depois de regressarem a Portugal.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

O resultado é o que consta da Tabela n.º 16.

Tabela N.º 16 - Nos seus diversos negócios, criados após o seu regresso a Portugal quantos trabalhadores chegou a ter ao seu serviço em simultâneo?

Ex-Colónia	Retornado	Número Máximo de Trabalhadores em Simultâneo							
		4	5	13	17	23	45	50	230
ANGOLA	Domingos						1		
	Rodrigues				1				
	Alberto					1			
	Augusto			1					
	Amândio					1			
MOÇAMBIQUE	António		1						
	Albino								1
	Lucília	1							
	Alexandrino							1	

O resultado diz-nos que dos retornados de Angola um dos entrevistados chegou a ter em simultâneo 13 trabalhadores, outro teve 17 trabalhadores, dois deles chegaram a ter 23 trabalhadores cada um deles e por último um entrevistado chegou a ter 45 trabalhadores em simultâneo.

Já quanto aos retornados de Moçambique, um deles atingiu os 4 trabalhadores, valor mais baixo entre os entrevistados das duas ex-colónias, outro, 5 trabalhadores, outro, 50 trabalhadores e por fim, outro que atingiu o valor mais elevado de entre todos os entrevistados com 230 trabalhadores em simultâneo.

4.10. Principal Contributo/Influência da Experiência Ultramarina no(s) Negócio(s) Criado(s) em Portugal Após o Regresso

Em seguida tentei ainda perceber se relativamente aos nove entrevistados, havia algum aspeto que estes relevassem como tendo sido o principal contributo da experiência adquirida em África na condução dos seus negócios criados em Portugal após o regresso das províncias ultramarinas.

E o resultado é o que consta da Tabela n.º 17 que se segue:

Tabela N.º 17 - Qual a principal influência da experiência ultramarina no negócio criado após o regresso das ex-colónias?

Influência	Ex-Colónia	
	Angola	Moçambique
Melhor Organização/Gestão da Empresa		Albino
Experiência de Trabalho com Mercados Diversos e de Maior Dimensão	Alberto Augusto	António Alexandrino
Estratégia, Planeamento e Visão (Conhecimento)	Domingos Rodrigues	
Teve Influência, Mas Não Concretiza	Amândio	Lucília

E desta Tabela n.º 17, extrai-se que um retornado de Moçambique realçou como influência “Melhor Organização/Gestão da Empresa”. Dois retornados de Angola e outros dois retornados de Moçambique salientaram “Experiência de Trabalho com Mercados Diversos e de Maior Dimensão”.

Já dois outros retornados de Angola referiram “Estratégia, Planeamento e Visão (Conhecimento)”.

Por último, um retornado de Angola e outro retornado de Moçambique, referem que a experiência de África teve influência na condução dos seus negócios em Portugal, mas não concretizam.

Este resultado da Tabela n.º 17, deixou-me curioso e leva-me a outra análise.

Que tinham estes entrevistados de diferente? O que os tornava únicos?

Tendo em conta a época em que tudo isto se passou, fica a ideia de que de facto, estes retornados estavam mais preparados, eram mais capazes, mais avançados, tinham outra

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

predisposição, fruto das suas experiências anteriores para serem empreendedores ou até para rapidamente se integrarem profissionalmente.

E, a este respeito, recordo uma vez mais aquele que foi o primeiro jornalista a interessar-se pelo fenómeno de regresso e integração dos retornados em Portugal - Fernando Dacosta, que no também já referido debate que se seguiu à Grande Reportagem da TVI, intitulada “O lugar onde eu fiquei”, e que foi para o ar no programa 21ª Hora, em 7 de novembro de 2016, afirmou, referindo-se aos retornados que estávamos perante gente jovem, gente muito ativa, gente habituada a fazer coisas, com iniciativa e que chagados aqui canalizaram a sua energia, a sua raiva, para se reorganizarem e começaram de facto a transformar os sítios aonde se fixaram.

No seguimento desta afirmação do jornalista Fernando Dacosta é interessante o que refere um dos nossos entrevistados de Moçambique, Sr. Albino, quando diz que a vinda dos retornados veio revolucionar toda a indústria e comércio em Portugal.

E acrescenta o Sr. Albino, ainda nesta linha de pensamento, que por exemplo, em Tomar, a maioria das empresas tinha como líder um retornado.

Concretiza que os retornados traziam sabedoria e aprendizagem fruto de todas as dificuldades e que sabiam distinguir o que era viável daquilo que não seria.

Na mesma linha de entendimento podemos ler no Jornal Público numa reportagem de São José Almeida, intitulada “*Retornados Uma História de Sucesso Por Contar*” à qual já me referi, uma afirmação de Tomas Aires, que foi presidente da Federação de Râguebi, selecionador e treinador nacional de 2001 a 2010, campeão nacional e ibérico, nascido no Huambo (antiga Nova Lisboa), que refere que a capacidade de liderança e o espírito de missão que os portugueses tinham em África, trouxeram quando voltaram.

Ainda na mesma reportagem, Jorge Palmeirim, biólogo, que nasceu na Guiné e viveu com a família em Moçambique e Angola, afirma, referindo-se à integração de centenas de milhar de retornados que tal foi um milagre, também porque essas pessoas foram capazes de construir as suas vidas, abrindo lojas e fazendo negócios.

Por exemplo nos jornais da altura, era habitual ver anúncios de procura de emprego, onde os retornados para além de evidenciarem as suas qualidades pessoais, também exaltavam as experiências adquiridas em África como gerentes e gestores.

É exemplo disso a Figura n.º 4 (pág. 69), do Jornal Expresso do dia 9 de novembro de 1974.

Ainda para vincar este espírito empreendedor e de deitar mão fosse ao que fosse, podemos encontrar na mesma reportagem o que diz o sociólogo Rui Pena Pires, nascido no Huambo, antiga Nova Lisboa em Angola e que é o autor da única grande investigação sobre o tema “*Migrações e Integração. Teoria e Implicações à Sociedade Portuguesa, Celta, 2003*”, que refere que o facto de terem de começar tudo de novo, obrigou os retornados a ter de inventar um novo espaço de intervenção e de se lembrar de ver gelatarias abertas por retornados pelo país.

Ainda nesta mesma reportagem, o antigo e falecido ministro Almeida Santos, salientava que os retornados, de um modo geral, talvez tivessem regressado com uma experiência económica superior à média dos portugueses do continente.

E continua dizendo que a partir de certo momento, as novas unidades empresariais foram tantas, nas mais variadas áreas como o comércio, a agricultura, a pecuária, a hospedagem, que a produção era excedente ao consumo, dando o exemplo de algumas espécies pecuárias como o peru.

Ou ainda, socorrendo-me uma vez mais do jornalista Fernando Dacosta que no Debate que se seguiu à Grande Reportagem da TVI, intitulada “O lugar onde eu fiquei” e ao qual já me referi anteriormente, conta que na altura do regresso dos retornados, viajava muito com Natália Correia que andava sempre a fazer conferências pelo país inteiro.

E uma das coisas que verificou foi que quando paravam, começaram a ver muito pelas estradas, restaurantes com piripiri e músicas africanas.

E conta ainda a respeito disso, que numa conversa com o Professor Agostinho da Silva, lhe confidenciou que achava o fenómeno interessante e que este lhe respondeu dizendo, se ele ainda não tinha reparado que Portugal estava a ser reconstruído pela raiva dos retornados.

Estes vários exemplos aqui explanados, são a prova do potencial empreendedorismo dos retornados das ex-colónias

Passo agora para outra questão igualmente interessante.

4.11. Interajuda e Comprometimento Entre os Retornados

Quer na revisão de literatura, quer na análise das entrevistas e reportagens que li, resulta a ideia de que havia um grande espírito e sentimento de interajuda e comprometimento entre os retornados.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

O jornalista Fernando Dacosta refere isso e os nossos entrevistados afirmam o mesmo.

O retornado de Moçambique, Sr. Albino diz mesmo na sua entrevista que os retornados viviam uma enorme cooperação entre eles.

E o retornado de Angola, Sr. Rodrigues refere também que na altura ajudaram-se muito uns aos outros e ainda hoje têm encontros anuais.

Sobre os encontros de retornados pode ler-se por exemplo, num artigo intitulado “23 Anos Depois do Abandono do Ultramar” que reproduz trechos de uma entrevista in “*Correio da Manhã*” de Inácio de Passos a Ângelo Soares, membro ativo da Associação dos Espoliados de Moçambique, publicado no site in <http://www.espoliadosultramar.com/imprensa.html>, que, tais reuniões se tornaram uma tradição e que não são necessárias grandes convocatórias, pois sem espalhafatos nem grande publicitação na comunicação social, têm-se realizado convívios, reuniões de esclarecimento, confraternizações, etc., durante os quais os espoliados de Angola e de Moçambique se encontram, conversam, abordam os seus problemas e exprimem as suas críticas, ao mesmo tempo que naturalmente e humanamente recordam o passado.

A entrevista refere ainda que esses encontros acontecem desde Fátima a Leiria, Braga, Mira, Bussaco, Parque de Monsanto e Caldas da Rainha, passando pelos muitos restaurantes já habituais.

A Figura n.º 5 (pág. 69) é um exemplo dessa cooperação que existe entre os retornados. Uma publicitação num jornal que procura atrair clientes regressados de Lourenço Marques em Moçambique para Salão de Cabeleireiro aberto em Lisboa.

Na reportagem do Jornal Público da jornalista São José Almeida, intitulada “*Retornados Uma História de Sucesso Por Contar*” a que já anteriormente fiz referência, há uma afirmação de Tomas Aires, que ao referir-se à falta de egoísmos, ao grande sentido de partilha e ao facto de serem batalhadores por natureza, diz que isso é uma característica atribuída à vivência africana. E concretiza afirmando que lá, viviam de portas abertas, que os amigos entravam e saíam, que eram quase irmãos.

E em continuação, faz a comparação dessa realidade com a que cá encontrou, dizendo que ficou chocado porque cá era diferente, era fechado e faz uma alusão à sua mãe que dizia que isso era de África, as pessoas eram otimistas por natureza e que isso contribuiu para a reintegração.

Também na mesma peça jornalística há uma afirmação de Carlos Lisboa, basquetebolista, nascido em 1958 em Cabo Verde, e que em 1961 foi para Moçambique, que sustenta que “*as pessoas que viveram em África têm uma mentalidade diferente, pelo tipo de vida, por terem melhores condições de vida, tinham uma relação diferente com os outros*”.

E exemplifica Carlos Lisboa: *"O relacionamento com amigos em África deu-me uma visão de estar em grupo, de partilhar emoções, a vida coletiva era mais intensa."*

Por isso, elaborei a Tabela n.º 18 para perceber se os nove entrevistados tinham em algum momento tido trocas comerciais com outros retornados das ex-colónias.

As respostas foram conclusivas e confirmam essa interajuda, essa cooperação.

O resultado foi o seguinte:

Tabela N.º 18 - O seu negócio tem ou teve relações comerciais com outros retornados?

Ex-Colónia	Retornado	Sim	Não
ANGOLA	Domingos	1	
	Rodrigues	1	
	Alberto	1	
	Augusto	1	
	Amândio	1	
MOÇAMBIQUE	António	1	
	Albino	1	
	Lucília		1
	Alexandrino		1

Sete dos nove retornados entrevistados, cinco de Angola e dois de Moçambique referiram que sim. Apenas dois entrevistados, de Moçambique, responderam negativamente.

A este respeito, acrescentarei aqui ainda a referência feita por Machado (2011) quando diz que estes retornados estavam habituados a uma cultura de convivência e de abundância muito distante da realidade da metrópole e é essa nova realidade a que tiveram que se adaptar.

4.12. Avaliação do Negócio

É também importante perceber, passados cerca de 44 anos após o regresso, que avaliação fazem os entrevistados dos seus negócios.

E sete dos entrevistados, sendo cinco de Angola e dois de Moçambique, afirmam que foi bom financeiramente.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Desses sete entrevistados é ainda interessante verificar nas entrevistas que quase sem exceção salientam o facto de tal sucesso ter permitido que os seus filhos estudassem, havendo até quem estenda esse privilégio aos netos.

Elaborei por isso a Tabela n.º 19 que mostro em seguida:

Tabela N.º 19 - Que avaliação faz hoje do seu negócio?

Ex-Colónia	Retornado	Avaliação do Negócio	
		Foi Bom Financeiramente	Nada Refere na Entrevista (Não Concretiza)
ANGOLA	Domingos	1	
	Rodrigues	1	
	Alberto	1	
	Augusto	1	
	Amândio	1	
MOÇAMBIQUE	António	1	
	Albino	1	
	Lucília		1
	Alexandrino		1

Outro aspeto salientado, nomeadamente pelos retornados, Sr. Domingos, Sr. Alberto, Sr. Amândio, todos de Angola e Sr. Albino, de Moçambique, foi a possibilidade de com o sucesso dos seus negócios terem podido ajudar outras pessoas a criarem os seus negócios.

A Sra. Lucília e o Sr. Alexandrino, ambos retornados de Moçambique, nada referem (não concretizam) na entrevista sobre a avaliação que fazem do seu negócio.

4.13. Nível de Habilitações Académicas

Para o fim deixei as habilitações académicas dos entrevistados. Esta é sem dúvida uma situação muito abordada na literatura que li e nas reportagens que vi.

Da leitura feita para este trabalho, resulta que quando se dá o regresso dos retornados, Portugal tinha uma percentagem elevada de analfabetos, contrariamente aos retornados das ex-colónias.

Numa entrevista para o Observatório da Emigração realizada por Filipa Pinho em Lisboa, no dia 26 de abril de 2010, a Cláudia Castelo, estudiosa da emigração portuguesa para Angola e

Moçambique (doutorada em Ciências Sociais pelo ICS e na altura da entrevista investigadora auxiliar no IICT, onde desenvolvia um projeto de recolha de histórias de vida de cientistas e técnicos da Junta de Investigações do Ultramar, e cuja tese de doutoramento versava sobre o colonialismo de povoamento), a entrevistada refere que em termos escolares, apercebeu-se que em média, as pessoas que emigravam para Angola e Moçambique eram mais escolarizadas que a média dos portugueses. E especifica Cláudia Castelo que era um conjunto de pessoas muito diversificado em termos escolares, pois estavam representados analfabetos, pessoas que só sabiam ler, pessoas que já tinham o ensino secundário ou liceal e também pessoas com o ensino superior. Refere ainda a entrevistada que apesar desta representação heterogénea, em média eram mais qualificados que a média dos portugueses. E vai mais longe ao concluir a sua ideia, dizendo que eram mais qualificados que os emigrantes no conjunto para os outros destinos.

Mas vejamos na Tabela n.º 20 quais as habilitações académicas dos entrevistados para este trabalho:

Tabela N.º 20 - Quais as suas habilitações académicas?

Ex-Colónia	Retornado	Habilitações Académicas					
		3ª Classe	4ª Classe	6º Ano	8º Ano	9ª Ano	11º Ano
	Domingos			1			
ANGOLA	Rodrigues	1					
	Alberto		1				
	Augusto				1		
	Amândio		1				
	António						1
MOÇAMBIQUE	Albino		1				
	Lucília		1				
	Alexandrino					1	

Da Tabela n.º 20, resulta que nenhum dos nove entrevistados é analfabeto. O nível habilitacional mais baixo pertence ao retornado de Angola, Sr. Rodrigues, que tem a 3ª Classe, e o mais elevado ao retornado de Moçambique, Sr. António, que tem o equivalente ao 11º ano atual.

Neste resultado, parece-me que devemos ter em conta o facto de o Sr. António ser o entrevistado mais novo de todos.

Da Tabela n.º 20, conclui-se ainda que quatro entrevistados, dois de Angola e dois de Moçambique têm a 4ª Classe e um retornado de Angola tem o equivalente ao 6º ano atual,

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

outro também de Angola tem o equivalente ao 8º ano atual e por último, um entrevistado de Moçambique tem o equivalente ao 9º ano atual.

Ainda a este respeito e na mesma linha de entendimento da entrevistada Cláudia Castelo, de quem há pouco me referi, a jornalista São José Almeida, na Revista 2 do Público, de 20 de abril de 2014, na reportagem intitulada “*Retornados Uma História de Sucesso por Contar*”, in <https://www.publico.pt/2014/04/20/jornal/retornados-uma-historia-de-sucesso-por-contar-28145408>, alude ao sociólogo Pena Pires que referiu que as colónias eram o destino da emigração mais qualificada, justificando que não era necessário a ida de mão-de-obra barata para as colónias ultramarinas, uma vez que isso já lá havia e, até por isso, a população branca nas colónias era mais qualificada percentualmente do que na metrópole.

A jornalista faz ainda uma alusão a um estudo feito por Pena Pires, no qual este concluiu que, segundo os dados do Censos de 1981, “*cerca de um terço dos adultos com mais de 30 anos eram analfabetos*”. E refere ainda que no total da população de Portugal, os analfabetos eram 28,3%, enquanto 35,4% tinham a primária. Já os licenciados atingem 11% entre os retornados, mas apenas havia 2,3% de licenciados na população de origem metropolitana. E conclui justificando que esta alta qualificação, em conjunto com a “convulsão política”, facilita que as pessoas que chegam aproveitem o facto de não haver “hierarquias estabilizadas” para ascenderem e se afirmarem socialmente.

5. Conclusões, Limitações à Investigação e Investigação Futura

5.1. Conclusões

A minha primeira conclusão tem a ver com a pertinência do tema estudado. Terminada esta dissertação, dúvidas não subsistem sobre a necessidade de o tema ser alvo de estudos. Quando me referi à importância do tema deste trabalho, salientei o facto do mesmo ainda não estar explorado e acrescentei ser verdade que os testemunhos daqueles que à época empreenderam e criaram as suas empresas iniciando as suas vidas do zero, começam, fruto da idade avançada, a desaparecer. É por isso premente que as universidades incentivem os seus alunos a desenvolver as suas Dissertações de Mestrado e as suas Teses de Doutoramento na área do empreendedorismo dos retornados de África. O testemunho de quem viveu de perto as experiências é importantíssimo num trabalho académico deste tipo. O relógio do tempo não para e muitos dos que viveram na primeira pessoa tais experiências, estão fruto de idade já avançada a terminar os seus ciclos de vida.

Depois, resulta desta dissertação que quanto ao motivo que levou os entrevistados a irem para o ultramar, foram invocadas duas razões. Cumprir o serviço militar, findo o qual optaram por regressar para a ex-colónia em que tinham estado, e reunirem-se com familiares seus que já lá estavam, confirmando assim a literatura revista.

Em seguida tentou-se perceber onde se radicaram os nove entrevistados após o seu regresso a Portugal. Esmagadoramente, radicaram-se no interior e junto de familiares. Ou seja, este estudo não evidencia a dispersão que consta da diversa literatura. E essa contradição parece-me ter muito a ver com o facto de a amostra ser reduzida e os entrevistados terem sido selecionados por questões de proximidade e conhecimento dos alunos que recolheram as entrevistas.

Abordou-se depois qual a principal dificuldade encontrada no regresso a Portugal.

As respostas dadas abrangem um universo de quatro dificuldades às quais os entrevistados deram mais ênfase. Por um lado, dois entrevistados acharam que Portugal estava menos desenvolvido que as ex-colónias, sendo verdade que a literatura dá como verídica essa constatação.

Quatro entrevistados referem que a maior dificuldade foi financeira, o que se compreende face aos factos. As pessoas regressaram despojadas de todos os seus bens.

Outros dois entrevistados referem o desemprego como maior dificuldade, pois essa seria também uma preocupação das pessoas ao verem-se obrigados a regressar e a terem de sustentar-se a si e às suas famílias.

Um outro releva a falta de ajuda do Estado. O que se constata é que seja qual for a maior dificuldade encontrada, os entrevistados perceberam facilmente a oportunidade de criarem o próprio emprego e conseguiram inserir-se nos locais onde se radicaram e ter sucesso com os negócios que criaram.

E salienta-se ainda o facto de apesar de todo esse sucesso de integração, apenas um dos entrevistados referir que na criação do seu negócio teve apoio do Estado, com os restantes a dividirem em igual número as ajudas de familiares e ainda o não terem tido ajuda de qualquer tipo. Ou seja, as políticas governamentais que visavam incentivar o empreendedorismo não eram suficientes para despoletar o interesse em investir ou arriscar.

Conforme referiu Gonçalves et al, (2016) os entrevistados *“não se acomodaram ao marasmo de uma vida medíocre, antes esforçaram-se por ultrapassar as dificuldades inerentes às mudanças que a vida lhes trouxe”*. E fizeram-no sem subsídios estatais.

Tal como referido por Oliveira (2008) todos os entrevistados fizeram alusão às dificuldades que atravessaram e ao recurso à criação de empresas como forma de ultrapassar essas dificuldades que encontraram. Alguns entrevistados, referiram tê-lo feito por uma questão de oportunidade, enquanto outros, dizem ter sido influenciados pela experiência adquirida nas ex-colónias naquela atividade em que empreenderam, sendo que, como já referi as duas situações estão interligadas. Houve como que uma conjugação de “interesses”, entre o que o país precisava e o saber trazido.

Surpreendente foi o facto de apenas dois dos nove entrevistados terem criado apenas um negócio após o seu regresso. A grande maioria dos entrevistados criou pelo menos três ou mais negócios. E não foram negócios quaisquer.

Uma maioria significativa dos entrevistados viram os seus negócios ter relações comerciais internacionais.

Também quanto ao número de trabalhadores que chegaram a ter em simultâneo nos seus negócios, o número varia entre 4 trabalhadores em simultâneo e os 230 trabalhadores em simultâneo.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

É ainda significativo o facto de sete entrevistados referirem explicitamente que financeiramente os seus negócios foram um sucesso.

Deste estudo sobressai ainda a confirmação da literatura revista quanto à capacidade de iniciativa, as largas experiências como gerentes e gestores dos seus negócios e ainda, a confirmação da facilidade de interajuda e comprometimento entre os retornados.

Por último a constatação de que as habilitações académicas não foram inibidoras do seu empreendedorismo. Nenhum dos entrevistados é analfabeto, havendo quatro deles com a 4ª classe. Um deles tem a 3ª classe, habilitação mais baixa e também apenas um deles tem o equivalente ao atual 11º ano, habilitação mais alta entre os entrevistados.

Não quero ainda deixar de me referir às possíveis implicações deste estudo para o conhecimento sobre o empreendedorismo (de migrantes e não só) e para a sociedade em geral.

Do estudo levado a cabo, resulta de forma inequívoca, que a atitude empreendedora floresce mais facilmente, quando o individuo se vê perante a adversidade. Também é de salientar que a intervenção do estado, através da subsidiação para fomentar a atitude empreendedora, talvez não tenha os efeitos desejados. Com efeito todos os intervenientes/entrevistados foram empreendedores sem a intervenção do estado, ou mesmo que tenha havido algum apoio, conclui-se que este não seria suficiente para, per si, fomentar a atitude empreendedora.

Também emerge do presente estudo, algumas orientações interessantes que podem e devem ser consideradas para a atual crise de migrantes que a Europa atravessa. Conforme referiu Pena Pires, referindo-se aos migrantes portugueses retornados, “a excecionalidade do sucesso da integração é um facto que tem na sua origem uma multiplicidade de causas”.

Olhando para exemplos como o que decorreu nos anos 60 do século XX, relativo á integração dos “pieds-noir” em França, com a concentração de retornados num ponto ou cidade específico, ou uma forte afirmação na dependência de subsídio de Estado, facilmente se conclui que as medidas devem ser bastante ponderadas e as respostas não podem, sob pena de não ser adequadas, ser dadas de forma inconsequente e apenas como reacção ao problema.

Atendendo ao plano de distribuição de refugiados e exilados da Comissão Europeia, e à estratégia seguida pelo governo Português de integrar comunidades de refugiados no interior do País como tentativa de repovoar o país, convém salientar, que no estudo levado a cabo, a esmagadora maioria dos entrevistados refere que se instalou no interior porque, era, aí, que se encontravam os seus familiares. Também é de referir que não foi o Estado que apoiou estas famílias, e muito menos criou nelas, a intenção empreendedora, pelo contrário, o

principal apoio recebido veio dos seus familiares. Assim, é de supor que, uma integração de comunidades de migrantes ou refugiados no interior, sem qualquer laço familiar estabelecido, e que recebam apenas apoios do Estado para aí se fixarem (como recebiam também os “pied-noirs”) poderá suscitar maiores dificuldades. Afigura-se que a integração poderá ser mais facilitada em destinos com uma forte presença imigrante e caracterizada pela diversidade cultural.

Constata-se, com efeito, no presente estudo que perante uma adversidade, mais facilmente os entrevistados perceberam a oportunidade de criarem o próprio emprego e conseguiram integrar-se. Contudo não podemos esquecer, que apesar de, se encontrarem fora do País, nas colónias ultramarinas, a dimensão social e cultural, não eram tão dispares, com a que se verifica nos atuais refugiados.

5.2. Limitações à Investigação

Começo por aquela que é uma das grandes limitações deste estudo - a sua reduzida amostra - 9 entrevistas.

Desta forma, as conclusões que daí resultam aplicam-se apenas a essa mesma população, constituindo por isso um estudo exploratório.

Em seguida, o facto de o tema da dissertação (empreendedorismo dos retornados) estar pouco explorado, pouco estudado o que obrigou a partir praticamente do zero, não havendo uma base de partida que me pudesse orientar no caminho a tomar.

Acresce a essa situação a evidencia de que o fenómeno português (regresso maciço de centenas de milhar de pessoas e sua integração relâmpago na sociedade) ser considerado único, não havendo a nível Mundial nada idêntico.

Uma outra limitação da investigação tem a ver com o facto de os entrevistados serem apenas de duas ex-colónias (Angola e Moçambique). Faltam Guiné, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

5.3. Investigação Futura

“Cada *retornado* que morre é parte de uma biblioteca que se incendeia”.

A frase, retirada do Blog “retornadosdafrica.blogspot.pt”, e de quem desconheço a autoria, contém no seu sentido literal uma verdade inquestionável.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

Como resulta das idades dos nove entrevistados que deram corpo a este trabalho, tratam-se de pessoas com idade avançada, detentores de histórias e experiências por contar.

Mesmo alguns dos nove entrevistados referem que o tema “retornados” é ainda hoje um tabu para os governantes ao longo de todos estes anos.

É por isso importante que se estude quanto antes esta temática sob pena de se perderem testemunhos diretos dos acontecimentos. E Portugal não deve ter vergonha da sua história, sendo que os “retornados”, para o bem e para o mal, fazem parte dela.

Como futuras linhas de investigação, destaco as seguintes:

Aumentar a amostra e estende-la a outras zonas do país

Parece-me evidente que futuras linhas de investigação têm necessariamente que basear-se numa amostra maior e de outras zonas do país (interior e litoral).

Estender a entrevista a retornados de todas as ex-colónias

Os nove entrevistados que contribuíram para este trabalho são, cinco deles de Angola e os restantes quatro de Moçambique.

Seria aconselhável que a amostra englobasse retornados de todas as ex-colónias ultramarinas, ou seja, para além daquelas, incluir Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe.

Isso permitiria até tirar conclusões sobre o empreendedorismo dos entrevistados, consoante a ex-colónia de onde vieram.

Perceber se os “retornados” que optaram por não vir para Portugal e escolheram ir para outros países (Brasil, por exemplo), foram igualmente empreendedores

Parece-me pertinente esta situação. A integração que ocorreu com quem regressou a Portugal foi idêntica junto dos que optaram por ir para outros países? Se não foi igual, quais as diferenças?

Fazer comparação entre os “retornados” portugueses e os *pied-noirs* franceses

Foram os *pied-noirs* igualmente empreendedores?

Na Revista 2 do Público de 20 de abril de 2014, na reportagem da jornalista São José Almeida, in <https://www.publico.pt/2014/04/20/sociedade/.../os-ultimos-filhos-do-imperio-163252>, intitulada “Os últimos filhos do império”, é dito por Jorge Palmeirim (biólogo), que Portugal tem um capital de integração fantástica “ao contrário dos *pied-noirs* em França que levaram décadas a adaptar-se”. Em Portugal, “três ou quatro anos depois, os retornados tinham conseguido integrar-se”.

Entender-se-á, face ao que refere Palmeirim, que talvez os *pied-noirs* não tenham sido tão empreendedores.

E se não foram, quais as razões?

Que diferenças houve nos processos que levaram a resultados diferentes?

Não teriam o mesmo Know how dos “retornados” portugueses?

Enfim, um manancial de linhas de investigação.

Os filhos dos retornados

Este tema talvez seja um dos mais interessantes para ser investigado em tempos futuros. Da leitura para fazer este trabalho, encontrei pessoas que valorizavam o facto de serem filhos de retornados.

Na mesma Revista 2 do Público acima identificada, podemos encontrar afirmações do empresário Alexandre Relvas onde refere que valorizava fortemente o facto de ter nascido em África e a consciência de que isso implica responsabilidades na forma como olha para o que foram 500 anos de presença de Portugal em África.

Por exemplo numa reportagem intitulada “Angola: 40 anos de independência - A costela africana dos filhos dos retornados”, das jornalistas Dina Soares e Joana Bougard, para a RR - Rádio Renascença em novembro de 2015, in <http://rr.sapo.pt/angola-filhos-dos-retornados/>, um dos entrevistados, Bruno, afirma que tendo nascido em Portugal nos anos 80, sem nunca ter estado em Luanda, mas que se sente muitas vezes como se lá tivesse crescido.

Bruno, filho de um retornado, e cuja tese de Mestrado foi sobre os filhos de retornados, refere que os retornados se empenhavam em transmitir aos seus filhos as memórias positivas dessa vivência, pelo que de certa forma há uma identificação dos filhos com as memórias dos pais.

Serão os filhos tão empreendedores como foram os progenitores? Deram os filhos de retornados, continuação aos negócios dos pais?

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

Os retornados na ocupação de cargos políticos (Administração Central do Estado e Administração Local

Também na Revista 2 do Público já referida, o sociólogo Pena Pires socorre-se de um inquérito que fez para um estudo seu, em que apurou que no início dos anos 1980, 8% dos titulares das Câmaras eram “retornados”.

Esses Presidentes de Câmara seriam empresários? Teriam chegado ao lugar fruto de reconhecimento como gestores das suas empresas?

E na Administração Central do Estado? Numa reportagem de 24 de abril de 2014, da Lusa, intitulada *Retornados são hoje “assunto da memória”, diz sociólogo* in <https://www.noticiasaminuto.com/pais/208152/retornados-sao-hoje-assunto-da-memoria-diz-sociologo>, Rui Pena Pires defende que na altura, o “repatriamento”, teve impacto tanto na demografia como nas qualificações, porque contrariamente aos que emigraram para outros sítios, os que saíram da metrópole para as ex-colónias nos anos 50 e 60, eram os portugueses “*com mais qualificações à época*”.

E concretiza o sociólogo ao dizer que isso é que explica que hoje, alguns desses “retornados” estejam no poder e em cargos de liderança.

O empreendedorismo dos funcionários do Estado “retornados” do ultramar

Como se sabe, os funcionários do Estado que estavam em Angola, quando regressaram foram incluídos no “Quadro Geral e Adidos”. Segundo Pena Pires calcula-se que tenham sido cerca de 45 mil funcionários públicos coloniais integrados nos quadros do Estado.

Ora, seria interessante perceber se alguns destes funcionários foi empreendedor ou se, fazendo uma comparação com os pied-noirs, se acomodaram ao facto de terem um emprego assegurado no Estado.

Enfim, uma quantidade de questões para investigar.

Referências

- Alves, J. F. (2001). *Terra de Esperanças. O Brasil na Emigração Portuguesa*. In Atas do Congresso: Portugal e Brasil - Encontros, Desencontros e Reencontros. Cascais: Câmara Municipal.
- Bénesová, S. (2014). *Movimentos Migratórios em Portugal*. Czech Republic: Masarkova Universita.
- Carlos, V., Rodrigues, H., Quintino, F. e Quintino, R. (2010/2011). *As Migrações em Portugal no Século XX*. Escola Básica 2,3/S, Josefa de Óbidos.
- Carrington, W. e Lima, P. (1996). *The Impact f 1970's Repatriates from Africa on the Portuguese Labor Market*. Industrial and Labor Relations Review. Vol. 49, nº 2, p. 330-349.
- Castelo, C. (2007). *Passagens para África: O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole (1920-1974)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, J. C. B. (2014). *Empreendedorismo e Estratégias de Negócio dos Emigrantes Portugueses*. Dissertação de Mestrado em Gestão Comercial. Porto: Universidade do Porto.
- Ducker, P. (1985). *Innovation and Entrepreneurship*. New York: Collins.
- Droux, A. (1986). *Os Repatriados da Descolonização Portuguesa: Alguns Aspetos Psico-Sociais da sua Reintegração*. Dissertação de Mestrado em Psiquiatria. Porto: Universidade do Porto.
- Firmino, F. R. C. (2010) *Empreendedorismo dos Imigrantes Cabo-Verdianos em Portugal*. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia e Planeamento. ISCTE - IUL, Instituto Universitário de Lisboa.
- Flores, M. S. M. (2016). *Angola: Rememorando as Indas e Vindas de um Lugar Inesquecível*. Dossie Áfricas. Revista Cantareira - Edição 25.
- Gonçalves, P. C. (2011). *Um Imperialismo Impossível: Fluxos Migratórios e Estratégias Colonialistas na Europa Mediterrânea (1870-1914)*. História (S. Paulo). Vol. 30, nº 2, p. 335-358.
- Gonçalves, M. et al. (2016). *Empreendedorismo do Emigrante Português em Londres, Andorra, Nice e Mónaco*. Porto: CEPESE.
- Hatziprokopiou, P. (2008). *Empreendedorismo de Migrantes na Grécia*. In Revista Migrações - Número Temático Empreendedorismo Imigrante. Ed. Catarina Reis e Jan Rath. Vol. 3, p. 79-90.

IFDEP (2015). *Empreendedorismo nas Comunidades Imigrantes: Um Olhar sobre Portugal, 2015*. Lisboa: IFDEP.

JANUS 2001: ANUÁRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES (2001). *Atualidade das Migrações: a imigração para Portugal*. Lisboa: Público & Universidade Autónoma de Lisboa.

Kloosterman, R. e Rath, J. (2001). *Immigrant Entrepreneurs in Advanced Economies: Mixed Embeddedness Further Explores*. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. Vol. 27, nº 2, p. 189-201.

Kloosterman, R. e Rath, J. (2003). *Immigrant Entrepreneurs: Venturing Abroad in the Age of Globalisation*. Ed. Oxford Berg Publishing. New York: New York University Press.

Kuratko, D. F., & Morris, M. H. (2018). *Examining the Future Trajectory of Entrepreneurship*. *Journal of Small Business Management*, 56(1), 11-23.

Lains, P. (2002). *A Crise Financeira de 1891 em Seus Aspectos Políticos*. In Atas do Seminário Organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Landström, H., & Harirchi, G. (2018). *The social structure of entrepreneurship as a scientific field*. *Research Policy*, 47(3), 650-662.

Lubkemann, S. (2003). *Race, Class and Kin in the Negotiation of Internal Strangerhood among Portuguese Retornados 1975-2000*. In *Europe's Invisible Migrants*. Ed. Andrea L. Smith. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Machado, B. (2011). *Os Filhos dos "Retornados": a Experiência Africana e a Criação de Memórias e Representações na Pós-Colonialidade*. Dissertação de Mestrado em População Sociedade e Território. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Marques, J. C. e Baganha, M. I. (2001). *Imigração e Política: O caso Português*. Lisboa: FLAD.

Mendonça, L. (2010). *O Empreendedorismo Português na Cidade do Recife na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação de Doutoramento em Gestão Industrial. Aveiro: Universidade de Aveiro

Mendonça, S. (2014). *O Empreendedorismo entre os Imigrantes em Portugal: Um Estudo de Caso sobre os Cabo-Verdianos no Litoral Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de Empresas Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

Meneses, M. (2005). *Empresarialidade Portuguesa na Diáspora De Imigrantes a Empresários*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Porto: Universidade Aberta.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Nunes, F. (2012). *A Europa e os Migrantes do Século XXI*. Trabalho Realizado no Âmbito da Unidade Curricular de Fontes de Informação Sociológica. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Oliveira, N. C. S. D. (2008). *A Integração dos “Retornados” no Interior de Portugal: O Caso do Distrito da Guarda*. In Atas do IV Congresso Português de Sociologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Oliveira et al. (2008). *Empreendedorismo Imigrante*. In *Revista Migrações*. Ed. Catarina Reis Oliveira e Jan Rath. Lisboa: Observatório da Imigração, ACIDI I.P.

Pereira, M. H. (2002). *A Política Portuguesa de Emigração (1850-1930)*. Lisboa: Instituto Camões.

Pinho, Filipa (2010), *Características da emigração histórica para Angola e Moçambique. Entrevista a Cláudia Castelo, Observatório da Emigração*, 26 de Abril de 2010. <http://www.observatorioemigracao.pt/np4/4707.html>

Pires, P. R. (2003). *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.

Ribeiro, D. M. M. (2016). *A vinda dos portugueses das ex-colónias para Portugal - contributos da educação social para compreender a cidadania usando narrativas biográficas*. Dissertação para obtenção do Mestrado em Educação Social. Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação e Comunicação.

Rodrigues, F.A.A. (2010). *A “Beleza” das Mulheres Imigrantes Empreendedoras*. Dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Rosário, A. (2007). *Propensão ao Empreendedorismo dos Alunos Finalistas da Universidade do Porto*. Dissertação de Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico. Porto: Universidade do Porto.

Sarkar, S. (2009). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Editora Escolar.

Schumpeter, J. A. (1934). *The Theory of Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press

Sousa, L. e Jorgensen, N. (s.d.). *O Empreendedorismo Migrante: Uma Perspetiva Comparada entre o Brasil e os Estados Unidos*.

Trindade, M. B. R. (1995). *The Repatriation of Portuguese from Africa*. In *The Cambridge Survey of World Migration*. Ed. Robin Cohen. Cambridge: Cambridge University Press.

Artigos Consultados na Internet/Páginas Web

Albuquerque, R. (2016, agosto, 14) Expresso Sociedade: *E se eles voltassem?* Obtido de <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-08-14-E-se-eles-voltassem->

Almeida, S. J. (2014, abril, 20) Público: *Retornados Uma história de sucesso por contar.* Obtido de <https://www.publico.pt/2014/04/20/jornal/retornados-uma-historia-de-sucesso-por-contar-28145408>

Almeida, S. J. (2014, abril, 20). Revista 2, Público: *Os últimos filhos do império.* Obtido de <https://www.publico.pt/2014/04/20/sociedade/noticia/os-ultimos-filhos-do-imperio-1632525>

Branquinho, D. (2013, setembro, 12 e republicado em 2015, fevereiro, 25) Jornal O Diabo: *Os retornados reconstruíram Portugal.* Obtido de <https://jornaldiabo.com/entrevista/retornados-portugal/>

Canelas, C., Grande Reportagem TVI: *O lugar onde eu fiquei (Parte 1).* Obtido de <http://tviplayer.iol.pt/programa/reportertvi/53c6b3483004dc006243bd77/episodio/t3e26>

Dacosta, F. (2013) *Os retornados mudaram Portugal.* Obtido de <https://www.researchgate.net/.../FernandoDacosta+summary.pdf>

Jornal de Negócios (2014, abril, 25) Lusa Economia: *25 de abril: Retornados contam história 40 anos depois.* Obtido de http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/25_de_abril_retornados_contam_historia_40_anos_depois

Matos, H. (1974, dezembro, 5) Diário Popular, *Blasfémias:* Obtido de <https://blasfemias.files.wordpress.com/2015/04/cabeleireiro1-dic3a1rio-popular-5-de-dezembro-de-1974.jpg>

Matos, H. (2014, agosto, 20) Observador: *Os retornados começaram a chegar há 40 anos.* Obtido de <https://observador.pt/especiais/os-retornados-comecaram-chegar-ha-40-anos/>

Matos, H. (2015, abril, 11) Observador: *Chamaram-lhes retornados.* Obtido de <https://observador.pt/especiais/chamaram-lhes-retornados/>

Notícias ao Minuto (2014, abril, 24). *Retornados são hoje “assunto da memória”, diz sociólogo.* Obtido de <https://www.noticiasao minuto.com/pais/208152/retornados-sao-hoje-assunto-da-memoria-diz-sociologo>

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA
O Caso Português de Meados da Década de 70

Ochôa, R. (2009, julho, 26) Blog Rio dos Bons Sinais: *Ponte aérea de 1975*. Obtido de <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2011/04/ponte-aerea-de-1975.html>

Passos, I. (1997) Correio da Manhã: *23 anos depois do abandono do ultramar*. Obtido de <http://www.espoliadosultramar.com/ip17.html>

Retornadosdafrica.blospot.pt (2012, abril, 21) *Cada "Retornado" que morre é parte de uma biblioteca que se incendeia!* Obtido de <http://retornadosdafrica.blogspot.pt/2012/04/escrita-da-ruina-de-dulce-maria-cardoso.html>

Sereno, B. (2012, outubro, 16) IARN: *Refugiados em Lisboa*. Obtido de <https://refugiadosemlisboa.wordpress.com/2012/10/16/iarn/>

Soares, D. e Bourgard, J. (2015, novembro). Reportagem Renascença: *Angola 40 anos de independência: A costela africana dos filhos dos retornados*. Obtido de <http://rr.sapo.pt/angola-filhos-dos-retornados/>

Tempo Caminhado (2017, maio, 22) *A hora da partida - Angola (1974 / 1975)*. Obtido de <http://tempocaminhado.blogspot.pt/2017/05/a-hora-da-partida-angola-1974-1975.html>

Vicente, S. (2015) Reportagem RTP: *A ponte aérea entre Luanda e Lisboa*. Obtido de <http://ensina.rtp.pt/artigo/a-ponte-aerea-entre-luanda-e-lisboa/>

Anexo A - Figuras



Figura n.º 2 - Foto da ponte aérea entre Luanda e Lisboa 1974-1975 retirada do blog Tempo Caminhado, 22 de maio de 2017 in <http://tempocaminhado.blogspot.pt/2017/05/a-hora-da-partida-angola-1974-1975.html>.



Figura n.º 3 - Reportagem de Helena Matos, “Os retornados começaram a chegar há 40 anos”, Observador, 20 de agosto de 2014. Diz respeito a Embarque no Porto de Luanda onde milhares de pessoas aguardavam por uma vaga. Foi retirada do site <https://observador.pt/especiais/os-retornados-comecaram-chegar-ha-40-anos/>.

EMPREENDEDORES QUE VIERAM DE ÁFRICA O Caso Português de Meados da Década de 70

esta se encontra, em 1979, estacionária, em relação a 1970, uma vez que a emigração não acabou mas apenas diminuiu, no período considerado.

Considerando, em seguida, que a lei eleitoral pretende atribuir um sufrágio tão universal quanto possível (as restrições devidas a

Novembro, vem permitir que o dia das eleições caia também no último decénio de Março. Julgamos poder referir como possibilidades mais óbvias os dias 23, 26 e 29 daquele mês, apresentando cada um deles certas vantagens e inconvenientes sob o ponto de vista da funcionalidade efectiva de um acto

10 dias definido pelo lapso de tempo que decorre entre 40 e 30 dias antes do acto eleitoral, segundo o determinado pelo número 2 do artigo 26 da segunda parte da Lei, far-se-ia entre os dias 11 e 21 de Fevereiro.

A campanha eleitoral, cuja

por ser a qualidade que se encerra a da residência em fim de ao voto impossibilita de 6

— 26 —
A apresentação de Fevereiro decorrerá de Março eleições 1 Janeiro.

Parece ta, pois a útil norma teria a vitores nos processo decorreu tendo as recado s

REGRESSO DE MOCAMBIQUE

Cidadão nacional, 37 anos, casado, com filhos em idade escolar e outros encargos de ordem familiar, muito dinâmico, e empreendedor, e dedicado. Ex-gerente de empresa de múltiplas actividades, comerciais-industriais. Grande prática de gestão de empresas. Ex-residente (25 anos) em Lourenço Marques. Sem família ou amigos na Metrópole, e em má situação financeira. Agradece qualquer emprego para subsistir.
Respostas para Apartado 176 — Vila Nova de Gaia.

Figura N.º 4 - Anúncio de Procura de Emprego retirado do site <https://observador.pt/especiais/chamaram-lhes-retornados/>, reportagem “Chamaram-lhes retornados - Observador”, de 11 de abril de 2015.

LOURENÇO MARQUES
JÚLIO
CABELEIREIRO

Ex-colaborador do Cabeleireiro AMÍLCAR estando já em Lisboa comunica às Ex.^{mas} Clientes e a todas as Senhoras que se encontra ao seu dispor, criando assim um novo ponto de encontro das Senhoras de Moçambique, na Filial do

INSTITUTO DE BELEZA GLEÓPATRA

Filial: AV. DE ROMA, 83, R/C., ESQ.º — TELEF. 76 29 20
Sede: AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 142-1.º ESQ.
TELEFS.: 76 41 62 e 77 04 92

Figura N.º 5 - Foto contida no artigo de Helena Matos, Blasfémias, de 11 de abril de 2015. Publicitação procura atrair clientes de Lourenço Marques para Salão aberto em Lisboa. A Foto foi publicada no jornal Diário Popular de 5 de dezembro de 1974. Foi retirada do site <https://blasfemias.files.wordpress.com/2015/04/cabeleireiro1-dic3a1rio-popular-5-de-dezembro-de-1974.jpg>.

Anexo B - Guião das Entrevistas

Guião de Entrevista

O texto em itálico destina-se ao/s entrevistador/es

- *Cumprimentar.*
- *Solicitar autorização para fazer gravação áudio.*
- *Já a gravar, explicar que estes dados são para um estudo académico.*
- *Perguntar se o/a entrevistado/a autoriza ser identificado pelo nome no trabalho ou preferir o anonimato.*
- *Dizer data, hora e local para ficar gravado.*

Informação da Entrevista

Data:

Hora de início:

Hora de fim:

Local da entrevista:

Quem fez a entrevista:

Dados Demográficos

Nome:

Data de nascimento ou idade:

Contactos (telefone e e-mail):

Género:

Profissão atual:

Caso seja reformada/o, profissão à data da reforma:

Nível de escolaridade:

Estado civil:

Número de filhos:

Não perguntar caso tenha nascido em África ou tenha ido em criança

Onde vivia quando foi para África?

Qual a profissão que tinha?

Que idade tinha?

Qual o estado civil quando foi?

Se era casado/a, a/o esposa/o também foi?

Quantos filhos tinha quando foi?

Se tinha filhos, também foram?

O regresso, ou a Vinda

Data de chegada a Portugal Europeu (*pelo menos mês e ano*)?

De que antiga província ultramarina veio?

Quando tinha ido para África?

Profissão que tinha em África?

Estado civil quando veio?

Número de filhos quando veio?

Conseguiu trazer algum património?

Deixou lá muita coisa?

Para onde foi morar quando veio? (*pedir para contar o processo: se teve de mudar muitas vezes, como, etc.*)

Que tipo de dificuldades encontrou quando veio?

O que acha que foi mais difícil no processo de vinda de África?

Como foi ajudada/o pelos seus familiares quando veio?

Como foi ajudada/o pelos seus amigos quando veio?

Recebeu alguma ajuda pública / do Estado? Recebeu alguma ajuda financeira?

O Negócio Após Ter Vindo Para Portugal Europeu

Já tinha tido negócios antes?

Se sim refira-os todos. E se foram em África ou não. Porque decidiu criar um negócio?

Os seus familiares e amigos acharam boa ideia criar o negócio?

Quais as maiores dificuldades na criação do negócio?

Qual a maior motivação para criar o negócio?

Que negócio criou?

Conte-nos a história do seu negócio.

Alguma vez tinha tido formação nessa área?

Tinha experiência nesse tipo de negócio?

Considera que sabia muito desse negócio?

Porque escolheu esse negócio?

Chegou a considerar alternativas de outros tipos de negócios?

Se sim quais?

Existiam já muitas empresas no mesmo ramo de negócios?

Acha que a sua empresa tinha alguma coisa de diferente das restantes no ramo?

O quê?

Acha que a sua experiência em África mudou a forma de conduzir o seu negócio?

Como?

Se não tivesse criado o negócio acha que a sua vida teria sido mais fácil?

Como?

Na altura havia conhecidos seus que tivessem vindo de África a criar negócios?

Se sim, isso influenciou a sua decisão de criar um negócio?

Criou mais algum negócio?

Qual/is?

Resultado do Negócio

A sua empresa tem/teve empregados?

Se sim, qual o número máximo de empregados que chegou a ter?

A que cidades/regiões chegou a sua atividade?

O seu negócio tem/teve negócios internacionais?

Tem/teve relações comerciais com empresários que também tenham estado em África antes de 1974?

Se sim, em que eram diferentes as relações comerciais com esses empresários das relações com os demais empresários (que não tinham estado em África)?

Quais as vantagens de ter criado o negócio?

Compensou financeiramente ter criado o negócio?

Qual o impacto que o seu negócio teve na vida da sua família?

Algum dos seus filhos seguiu a carreira empresarial?

Se sim, criou o seu negócio, ou deu seguimento ao negócio familiar? Qual o impacto que o seu negócio teve na vida dos seus amigos?

O que acha que do seu negócio fica para a posteridade? O seu negócio continua em atividade?

Se sim, quem está a dirigi-lo?

Se não, porquê? *Se o negócio faliu, pedir para contar a história e as razões.*

Agradecer.

Dizer hora do fim da entrevista e desligar a gravação.